

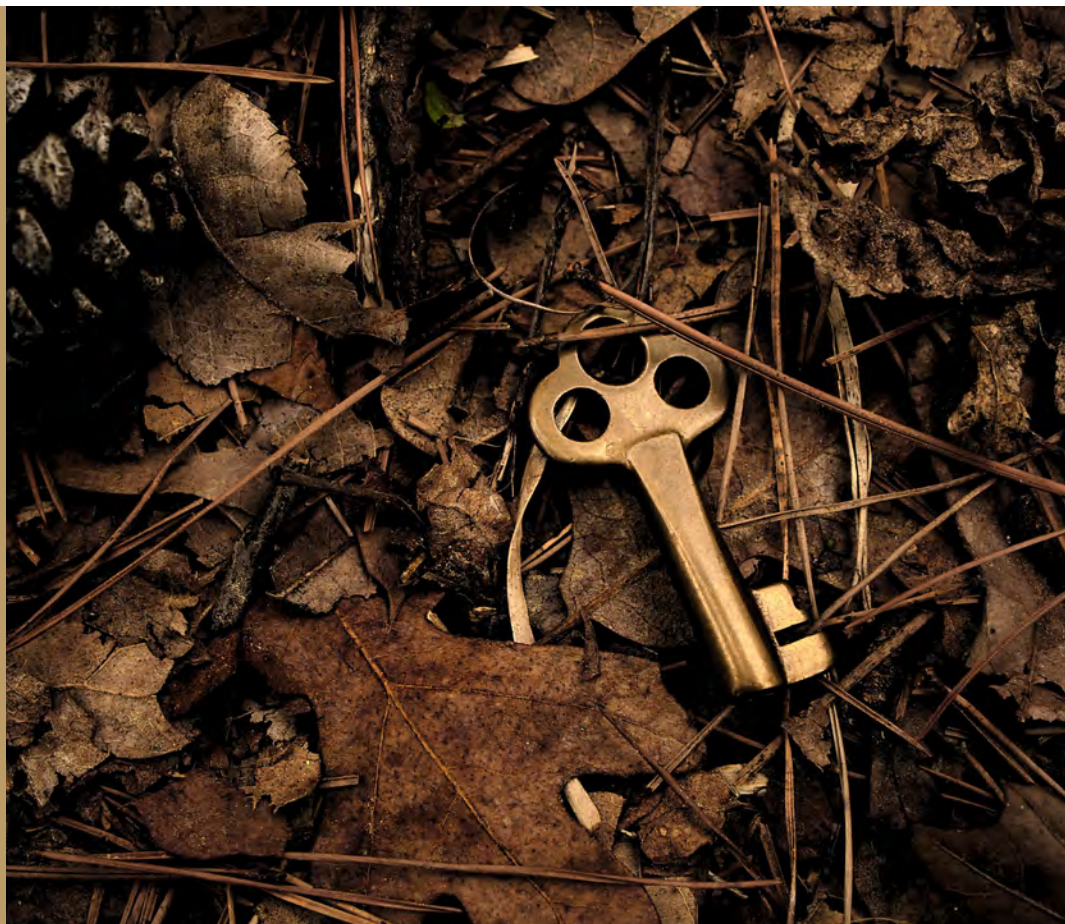
O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci[®]fer

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

Simpósio:
**A Doutrina
Secreta**
A teoria do Todo

- Vida ilimitada
- Raios da Eternidade
- Cooperação:
crescendo em
unidade
- Consequências da
Teoria do Todo
- Questões depois de
cada leitura



Simpósio: A Doutrina Secreta A Teoria de Todo

Introdução

p. 2

A teoria do Todo existe? Se sim, como descobri-la?

Herman C. Vermeulen

Vida Ilimitada

p. 6

A 1ª proposição da Doutrina Secreta fala da unidade da vida ilimitada ... e revela-se para ser o fundamento da Teoria do Todo.

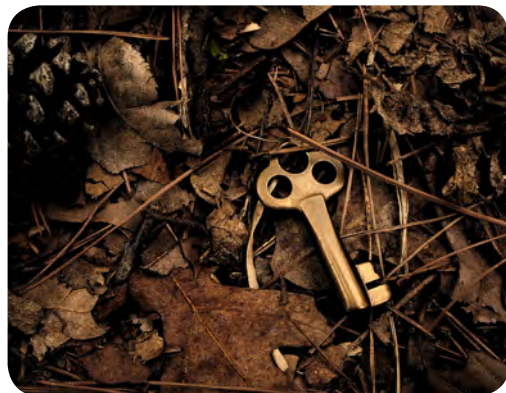
Lalibel Mohaupt

Raios da Eternidade

p. 12

A segunda proposição da Doutrina Secreta trata de ciclos e de raios divinos. Isto representa o segundo bloco de construção da Teoria do Todo.

Barend Voorham



Crescente cooperação em unidade

p. 18

A terceira proposição da Doutrina Secreta fala sobre a equivalência fundamental, sobre a teia hierárquica da vida e a evolução autoinduzida, subida a pulso.

Erwin Bomas

Consequências da Teoria do Todo

p. 29

Podemos tirar várias conclusões das três proposições fundamentais, tal como os sete princípios, as sete Joias da Sabedoria e os sete Paramitas.

Herman C. Vermeulen

Herman C. Vermeulen



Introdução: *A Doutrina Secreta* — A Teoria do Todo

No grupo de preparação para este Simpósio, chegámos rapidamente à conclusão de que este ano queremos apresentar para si um assunto muito importante: as três Proposições Fundamentais da Teosofia, em *A Doutrina Secreta* de H.P. Blavatsky. Você ouvirá 3 leituras e participará em 2 workshops e acabaremos o simpósio com algumas ideias conclusivas. Como habitualmente, os workshops são adequados para investigar e discutir em conjunto as ideias apresentadas.

O título deste Simpósio é 'A Doutrina Secreta – a Teoria do Todo'. O conceito da Teoria do Todo vem da física. Quando Albert Einstein apresentou a sua Teoria da Relatividade no princípio do passado século e todas as espécies de investigações nos anos seguintes confirmaram parcialmente essa teoria, ele concebeu a ideia de desenvolver uma teoria mais abrangente e mais universal que poderia explicar todos os fenómenos. Uma teoria mais abrangente é ainda o sonho de todos os físicos. Esta lei do Todo existe? Não na física. Não ainda, poderia eu dizer, se quisesse adoptar uma postura positiva. Mas ela existe na Sabedoria Antiga — e isso é uma ideia importante para nós nos dias de hoje. A Sabedoria Antiga, conhecida sob

diversos nomes, mas no Ocidente sobretudo sob a designação de Teosofia, a Sabedoria dos Deuses – reaparecida uma vez mais no Ocidente devido a Helena P. Blavatsky. Ela fundou a Sociedade Teosófica em Nova Iorque em 1875, conjuntamente com outras poucas pessoas. Desde esse momento ela – em cooperação com os seus Mestres – explicou a Teosofia em muitas publicações. O seu trabalho – possivelmente o mais conhecido – foi publicado em 1888: *A Doutrina Secreta*. Dois grossos volumes nos quais ela apresentou a Teosofia com grande detalhe.

Não é difícil, mas estranho para nós

A Doutrina Secreta é geralmente conhecida como um livro difícil de ler. Mas não é tão difícil como estranho, porque no Ocidente nós não estamos realmente habituados às ideias nele expressas.

É por isso que H.P. Blavatsky, no seu Prólogo de *A Doutrina Secreta*, indica como se pode melhor entender a Teosofia. Neste Prólogo ela declara que é absolutamente necessário em primeiro lugar familiarizar-se com algumas das ideias fundamentais que ela sublinha no quadro maior. O nosso sistema de pensamento necessita deles para

compreender bem tudo o que se segue.

Estas ideias fundamentais podem ser encontradas nas três Proposições com as quais todas as questões da vida podem ser resolvidas. É por isso que nós chamamos *A Doutrina Secreta* a ‘Teoria do Todo’ Não é realmente difícil, mas nós precisamos de nos educar a nós próprios um pouco. E isso leva-nos algum tempo e esforço.

Tal Teoria do Todo deve responder a todas as questões da vida. Acerca do que nos sucede na nossa vida diária, acerca de tudo o que sucede no nosso sistema solar, acerca de tudo o que vai karmicamente acontecendo, sem excepções. Desde detalhes pessoais até ideias e detalhes universais. E isso é possível.

Como achar a verdade?

Questões como ‘O que é tudo?’ ‘Donde é que tudo vem e aonde é que isto nos leva?’ Isto também nos transporta a uma questão importante: ‘Como encontrar a verdade?’ Conhecer as três Proposições não é suficiente em si próprio. Nós achamos a verdade em dois níveis. No nosso nível pessoal nós podemos tirar as nossas conclusões a partir das coisas que nos sucedem, o que nós estamos a tratar no nosso meio imediato. Nós aprendemos ‘enquanto vivemos’ a compreender porque é que estas coisas acontecem e fazemos igualmente suposições sobre o modo como as coisas vão continuar a acontecer.

Obtemos também experiências num amplo contexto. Podemos ver o que acontece no nosso país, no mundo. Temos de investigar se queremos encontrar a verdade num nível mais universal. Então olhamos para *todos* os modelos à nossa volta na sociedade e no nosso comportamento. Por que é que estes modelos existem precisamente *como eles são*? Isto requer uma atitude activa, Além disso, uma ideia importante atrás das concepções das três proposições é que ninguém nos pode provar a verdade ou a inverdade de qualquer coisa. Só a nós nos cabe fazer tal coisa. Ninguém nos pode impor nada e dizer ‘... isto está certo’. Nós teremos que experimentar as coisas, pensar acerca delas e pensar a lógica que as suporta. Só nesta via é que se pode tornar uma verdade para *nós próprios*. Quando alguma coisa é imposta, isso não pertence ao nosso conhecimento e sabedoria.

Se alguma coisa nos é apresentada como verdade, nós podemos aceitá-la na base da fé. Ou, ainda um tanto melhor, na base da confiança — por exemplo, se você conhece alguém que tenha provado tais qualidades várias vezes, o que torna as suas ideias mais dignas de confiança para si. Todavia, aceitar qualquer coisa por confiança trás ainda

algum risco para nós próprios. Experimentando a *verdade plena* requer ainda da sua parte investigar activamente e crescer. ‘Tornar-se sábio’ é crescer de um nível pessoal para um nível universal.

Proposição versus hipótese

As três proposições de *A Doutrina Secreta* são proposições universais que definem um padrão universal válido para todo o sistema subjacente. São proposições universais que descrevem a grande pintura e servem como base para compreender os detalhes a partir deste ponto de vista. É mesmo um elevado raciocínio partir do modelo mais amplo que explicámos e compreender o comportamento do que é pequeno.

A bem conhecida contraparte do conceito de proposição é uma hipótese. Este último método de raciocínio trabalha *de baixo para cima*; trabalhando a partir dos detalhes para um Todo mais vasto. Com uma hipótese nós recolhemos uma quantidade de detalhes. A ciência fala de colecção de dados e de análise de dados para encontrar modelos, lógica e estruturas, em ordem a ser capaz de formular uma teoria mais geral e poder fazer mais prognósticos. Abreviando, para compreender o grande quadro a partir dos detalhes. Agora, os termos da proposição e das hipóteses são muitas vezes usados de forma intermutável ou então o seu significado é visto como sendo o mesmo. Mas precisamos de ser mais precisos. De um ponto de vista matemático nada pode ser predito acima dos limites da observação. Assim, é arriscado formular leis gerais a partir de uma limitada quantidade de dados.

Se você trabalha com hipóteses, deve sempre, portanto, continuar a investigar e a actualizar esses dados para ver se estão ainda correctos e se uma melhor teoria geral pode na verdade ser desenvolvida a partir deles. Isto acontece muitas vezes na ciência. A teoria trabalha por um momento, até que alguma coisa acontece que faz desaparecer toda a teoria e uma pessoa tem que recomeçar tudo outra vez. Contudo, a ciência também costuma usar proposições. Como exemplos temos a lei de Newton sobre a gravidade, a lei de Arquimedes acerca da impulsão de um corpo num fluido e a teoria de Einstein sobre a relatividade. São bons exemplos de proposições, porque partem de um quadro geral e não de detalhes particulares.

Limitações

Mas mesmo estas proposições não são tão universais quanto nós desejaríamos que fossem. Newton esteve a estudar a gravidade durante dois anos — ele estava numa espécie

de clausura ocasionada pela erupção de uma praga. A lei gravitacional de Newton é, embora descrevendo um modelo geral e universal, apenas um lado da história, porque também há repulsão e isso não está descrito nesta lei gravitacional. Arquimedes também apareceu com um quadro geral, e nós sabemos que a famosa história do banho à qual ele chegou com uma perspicácia tardia para fazer disso uma teoria completa e geral.: mas só acerca de uma força. E a teoria de Einstein não é também totalmente abrangente. Quando Niels Bohr chegou depois dele com a teoria dos ‘quanta’, Einstein não ficou absolutamente nada satisfeito com isso. Ele viu na teoria dos ‘quanta’ um número de coisas que não eram adequadas á sua teoria. E que brigavam contra a sua bem conhecida afirmação ‘Deus não brinca aos dados’. Porquê? Porque a teoria dos ‘quanta’ contém um cálculo de probabilidades Bem conhecidos exemplos de hipóteses são a ‘sólida teoria do estado.’ e a ‘teoria do Big Bang’, dois caminhos para explicar a origem do Universo. A limitação delas está em que, apesar do facto de serem uma composição de detalhes, com efeito elas contradizem-se uma à outra.

O astrónomo Edwin Hubble mais um grupo de colegas fizeram observações de estrelas, de galáxias e de radiações de fundo nos anos de 1920 em diante. Eles coligiram um lote de detalhes e, baseados neles, construíram a ‘teoria do Big Bang’, que o Universo começou com uma grande explosão e só se expandiu depois disso. Só que as suas descobertas contêm também uma quantidade de dados

que contradizem justamente a ‘teoria do Big Bang’. Outros, porém, dizem que o Universo está num estado estabilizado. Esta ideia, porém, tem sido posta de lado; não é adequada à teoria de Hubble.

Outro bem conhecido exemplo de uma hipótese é a teoria da evolução de Charles Darwin: ‘sobrevivência do mais forte’. Esta é baseada em observações de animais que se tinham desenvolvido de um modo especial em ilhas remotas, embora a certa altura colonizados pela mesma população. Mas também aqui nem todos os dados científicos são adequados a uma concepção sem fissuras.

Existe nos dias de hoje uma ideia muito popular segundo a qual ‘ nós somos o nosso cérebro’; a ideia de que os seres humanos não são mais do que os nossos cérebros e nada mais do que isso e de que esses cérebros determinam o que nós somos. Nós argumentamos com estas pessoas que se pode facilmente refutar estas hipóteses com algumas auto-observações.

O método Damodar

Portanto, em princípio há uma grande diferença entre uma hipótese e uma proposição. A questão desafiante é o que é que nós queremos? É errado partir de uma hipótese? Não, mas se nós queremos compreender um quadro maior reunindo detalhes suficientes trata se de uma aproximação bastante limitada.

O que nós advogamos é começar com uma proposição a partir de um quadro geral. Então recolhemos dados no

Universal

Raciocínio dedutivo



Universal

Raciocínio indutivo



particulares

seu próprio ambiente e ver se eles se enquadram no quadro geral da proposição. Por outras palavras, a partir de uma via *dedutiva* universal pensar nos detalhes e a partir deles por via *indutiva* voltar para trás para o universal. Em Teosofia isto é também conhecido como o ‘método de Damodar’.

Se tal linha de pensamento é conclusiva para nós, temos provado que a proposição universal é um facto que é válido *para a nossa maneira de pensar*. Então fizemos alguma coisa para achar a verdade por nós próprios.

Este é o grande desafio para os dias de hoje. Repare nestas três proposições, assumas-as, trabalhe com elas, experimente-as. Se os detalhes se adequam ao grande quadro, você verá uma confirmação daquele tudo. Se elas se desviam, então terá de olhar mais adiante. Neste caminho nós podemos chegar, devagar mas com segurança, a uma substanciação pessoal, a um achado pessoal da verdade destas Proposições universais.

Isto é o que nós vamos fazer:

Dentro de momentos apresentaremos as três proposições em três leituras: ‘Vida Ilimitada’, ‘Centelhas da Eternidade’ e ‘Cooperação a crescer em Unidade’ Depois de cada leitura haverá tempo para questões e perguntas. Além disso, quer de manhã, quer de tarde, teremos um workshop no qual nós queremos olhar todos em ordem a demonstrar quão prático nós podemos achar o desafio de encontrar a verdade por nós próprios. Fecharemos este simpósio com uma pequena contribuição acerca das consequências da ‘Teoria do Todo’, seguida da oportunidade de trocar ideias uns com os outros. Quero acabar com uma citação do Mestre K.H. extraída da carta 22:

Aprenda primeiro as leis exteriores e eduque a sua percepção.
(1)

Isto é uma importante afirmação. Temos que trabalhar o nosso interior para ver e reconhecer a verdade universal.

Reference

1. A. Trevor Barker (ed.), *The Mahatma Letters to A.P. Sinnett*. Letter 22. Online: www.theosociety.org/pasadena/mahatma/mahatma_letters.pdf. Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett, Vol. II, Editoria Teosófica, Brasília-DF, carta 91, p. 77.
-



Vida Ilimitada

Benvindos vós todos, a esta leitura Vida Ilimitada. *A Doutrina Secreta* é um livro escrito por Helena P. Blavatsky. No proémio deste livro, Blavatsky descreve três proposições fundamentais. Aqui vamos tratar da primeira proposição. Nas outras leituras que se seguem discutiremos as outras duas.

Vamos mergulhar directamente olhando para o texto da primeira proposição.

Um PRINCIPIO Onipresente, Sem Limites e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque transcende o poder da concepção humana e porque toda expressão ou comparação da mente humana não poderia senão diminuí-lo.

H.P. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. I, pág. 14.

Edição Português, Volume 1
Cosmogênese, Editora Pensamento,
São Paulo, pag.124.

Bom, é um grande começo. Isso torna esta leitura um trabalho impossível, porque ‘transcende o poder da concepção humana, do que apenas podia resultar ser apoucado por alguma expressão ou semelhança humana’. Isto quer dizer que não podemos dizer

nada acerca da primeira proposição sem prejudicarmos o conhecimento disso de uma maneira ou de outra. Apesar disso, com o objetivo de trocarmos ideias uns com os outros, teremos que usar palavras que expressem as nossas ideias. Eis a razão pela qual nós vamos tentar o nosso melhor para lhe dar expressões apropriadas, por caminhos diferentes. Contudo, fixe este importante ponto durante a leitura; todas as palavras são limitadas e são portanto incapazes de descrever completamente a primeira proposição, o PRINCIPIO Ilimitado.

Portanto, tenho um pedido; tente adoptar uma mente aberta e compreensiva durante a leitura. Tente olhar através das palavras que eu uso com o objectivo de apreender uma mensagem mais universal. Então, em conjunto, temos uma boa oportunidade de ser bem sucedidos.

A primeira proposição

Assim, há um PRINCIPIO que é Onipresente, Eterno, Ilimitado e Imutável. Vamos começar por ver o que se quer dizer com estas palavras. Quando você procura o significado da palavra PRINCIPIO, parece uma essência, uma fundação. Por outras palavras, um conceito abarcante que descreve a essência de tudo. Ele define a base

de tudo, sem ser alguma coisa em particular. O PRINCÍPIO não é um objecto, também não é um ser vivente. Ele não é ‘algo’ Ele não é um objecto ilimitado nem um ser ilimitado, mas aponta para o carácter ilimitado de tudo o que existe. Não é nem um objecto nem um ser omnipresente, mas aponta para o carácter omnipresente de tudo o que existe.

O PRINCÍPIO, essa fundação, é *Omnipresente*

Sempre presente em toda a parte, todavia nunca está lá. O PRINCÍPIO envolve tudo e todos, e nada omite; ele é a envolvente estrutura de tudo quanto existe. Essa base está simultaneamente em toda a parte sem excepção. Não se trata de estar algumas vezes e outras não; não, ele está sempre lá.

O PRINCÍPIO é *Eterno*.

Ele é sem limites no tempo. Daqui resulta que não está sujeito ao tempo; ele é apenas duração eterna. O que conseqüentemente significa não ter nem passado nem futuro. É sempre um eterno agora.

Eterno também significa nem ‘morte’ nem ‘nascimento’; é indestrutível. Assim o PRINCÍPIO ou fundação não pode estar no Ser, não pode perecer: é Eterno e Omnipresente.

O PRINCÍPIO é *Ilimitado*, não tem fronteiras. O que quer dizer que o PRINCÍPIO se estende em todas as direcções, infinitamente. Assim, para ele não há princípio nem fim. Como é que se poderia indicar o princípio, o meio ou o fim de uma corda infinita? Simplesmente isso não é possível. O PRINCÍPIO é infinito em todos os sentidos e portanto ilimitado; ele não tem limitação. Está acima de qualquer coisa que possamos pensar. Está acima de qualquer forma.

O PRINCÍPIO é também *Imutável*.

É imutável no sentido de que nós não podemos mudar o PRINCÍPIO. Mas também o próprio PRINCÍPIO não muda. Por outras palavras, o PRINCÍPIO não está sujeito a mudança. De outra perspectiva pode-se dizer que o PRINCÍPIO ultrapassa toda a mudança. Alguma coisa que se torna mais sensível quando se considera que o PRINCÍPIO é ilimitado e omnipresente. Raciocinando a partir deste ponto de vista, nenhuma mudança se pode apartar do PRINCÍPIO. Porque toda a mudança está incluída nele. Portanto, talvez a melhor expressão seja que o PRINCÍPIO está acima da mudança ou além da mudança, porque ele subjaz a tudo.

Neste caso, nada é verdadeiramente novo, porque tudo é

ou era já parte dele. Só que nós às vezes experienciamos as coisas como novas. É o mesmo que dizer que nós não podemos *inventar* nada. Apenas podemos *descobrir* coisas, na luz do imutável PRINCÍPIO. A possibilidade já lá estava. Porque o PRINCÍPIO é omnipresente, ilimitado em todos os sentidos, estará sempre lá, não importa que mudança tenha tido lugar, podemos dizer que sempre tudo permeia. Tudo. Todas as coisas, você, eu, a Terra, todo o Universo e além dele. Por outras palavras, o mundo que nós podemos perceber com os nossos sentidos mas também o que está além dele. Um PRINCÍPIO que tudo permeia, para além do espaço, do tempo e da forma. Está para além de, é a estrutura de tudo o que existe. Tal é o desafio para compreender.

PRINCÍPIO H.P. Blavatsky diz-nos que nós, como seres humanos limitados, não temos capacidade de compreender e expressar este PRINCÍPIO sem limites na sua totalidade. Contudo – e isto é um ponto importante – isso não implica que devamos parar de pensar acerca disso. Possivelmente, não podemos compreender o ilimitado. A realidade no seu todo, *mas nós podemos infinitamente aprender a ver e compreender mais acerca disso*. Nesta conformidade, nós penetremos progressivamente os mistérios da vida e de tudo o que nos rodeia. E ficar mais perto da ‘Teoria do Tudo’. Assim, vamos olhar para o que Blavatsky nos diz no Proémio de *A Doutrina Secreta*, a fim de tornar esta primeira proposição um pouco mais clara para nós. Mais tarde ela descreve outra vez a primeira proposição, mas de modo ligeiramente diferente.

Em outras palavras

Ela também o chama, na mesma página 14 do volume 1 de *A Doutrina Secreta*: (Edição português, página 125.)

... Há uma Realidade Absoluta, anterior a tudo o que é manifestado ou condicionado.

Por ‘manifestação’ e ‘ser condicionado’ quer referir-se a todos os fenómenos perceptíveis e imperceptíveis. Todas as corporizações e expressões. Tal como todos os seres vivos são, por exemplo, uma manifestação. Mas também ideias que podem ser expressas por palavras. Atualmente, ela diz que há uma força fundamental por detrás das formas, uma absoluta realidade que tudo precede.

... a raiz sem raiz de tudo o que foi, é e haverá de ser.

Tal como o PRINCÍPIO, a absoluta fundação é sem limi-

tes, assim é a raiz, aquela absoluta Realidade que precede tudo, sem raízes. Ela não tem princípio nem fim.

É a 'Asseidade', mais propriamente que o Ser, e é fora do alcance de todo pensamento ou especulação.

Se fosse 'ser', teria que ser referido a alguma coisa que existe, algo como um ser vivo, mas o PRINCIPIO não é um ser vivo. Aponta para a absoluta essência do ser, Seidade. É o Seidade de tudo. Não estamos falando de um ser vivo ou de um Deus, mas de um princípio fundamental subjacente. Uma realidade absoluta que é uma base de tudo, infinitamente. Apesar de ser uma base de tudo o que vive, incluindo nós mesmos, é 'impensável' para nós, 'está além de todo pensamento e especulação'. Como isso é possível? Bem, porque, como todas as outras manifestações, somos aparentemente seres limitados. Para explicar isso um pouco mais, vamos dar um pequeno passo para o lado.

Ilusória dualidade

A Única Realidade é a Unidade sem Limitas. Tudo, para além do maior ou menor aspecto de que cada coisa é composta, consiste na mesma essência.

Pensemos, por exemplo, em nós, seres humanos. Nós somos uma parte infinitamente pequena de alguma coisa muito maior: a Terra, o Sistema Solar, a Galáxia, e para além disso. Por outro lado, nós somos também compostos por partes mais pequenas: as nossas células, os átomos, por aí fora. Limitar o homem apenas a este aspecto mais exterior não nos daria um quadro completo. Na verdade, nós também não temos limites. Por exemplo, o nosso pensamento, desde as mais altas até às mais baixas frequências de que nós somos capazes de emitir. Estas frequências são também infinitamente mais altas e mais baixas.

Na manifestação nós apercebemo-nos da existência como uma dualidade. Para nós, ela aparece como alto e baixo, aquilo a que nós chamamos espírito e matéria. Lembremo-nos, no entanto, que a Realidade é só uma. Portanto, esta dualidade é ilusória. Espírito e matéria não são coisas diferentes, mas são antes a mesma realidade. A matéria pode actualmente já ser vista como a cristalização do espírito e o espírito como matéria etérea ou subtil. É tudo a mesma realidade. Este é um pensamento muito importante e fundamental a reter.

A vida é, como sempre foi, consciência ordenada. Um ser dá 'orientação' a outro ser. É *espírito* para outro ser. Enquanto este mesmo ser é um tijolo de construção, ao mesmo tempo, para ainda outro ser, é *substância* para esse

ser. Tal como nós, como seres humanos, somos 'tijolos de construção' ou substância para o sistema solar, nós somos também, ao mesmo tempo, uma 'força condutora' ou 'espírito' para tudo o que nós produzimos e de que somos compostos.

Esta realidade aplica-se a tudo o que existe. Tudo é ao mesmo tempo 'blocos de construção', ou substância e orientação ou espírito. Tudo está externa e internamente conectado, somos todos em conjunto vida ilimitada, uma infinita colaboração. Uma parte infinita de qualquer coisa muito maior e infinitamente composta de alguma coisa mais pequena. Uma só vida.

Não estamos sempre conscientes disto. Na manifestação, nós tomamos uma posição nesta realidade sem limites, nós identificamo-nos a nós próprios com uma parte limitada desta Infinita Realidade. Às vezes, limitamos a nossa consciência a situações onde nos encontramos ou que têm a ver com coisas que pessoalmente gostamos ou não gostamos. Mas nós estamos também a expandir a nossa consciência para além de nós próprios, e então identificamo-nos a nós próprios com um 'todo maior', como uma família ou talvez mesmo com todo o mundo.

O que nós vemos como um todo está sujeito a crescer. Nós podemos desenvolver um quadro crescentemente maior do que este. Mas, porque a Infinita Realidade não tem limites, nós nunca poderemos entender isto na sua totalidade. Isto explica as palavras de Blavatsky segundo as quais isso está para além de alguma expressão ou similitude humana.

É como um peixe no Oceano

Será que um peixe compreende que ele vive no Oceano? Sabe ele em que Oceano vive? Pode ele descrever esse Oceano? Não, mas ele é essencial para a sua vida, ele não pode sair dele. Vive dentro das leis do Oceano.

Isto é como nós vivemos dentro da Vida Una, nós somos a Vida sem Limites.

Conclusões

Estamos agora perto do fim desta leitura. Finalmente, podemos tirar algumas importantes conclusões da primeira proposição do Proémio de *A Doutrina Secreta* de Blavatsky.

- Tudo é essencialmente sem limites
- Tudo é em essência indestrutível
- Tudo está em essência conectado
- Tudo é igual em essência

Quando nós pensamos que o nosso próprio interior, a nossa essência, o nosso potencial, é sem limites e indestrutível, é igual e está conectado com a vida à nossa volta, então demos o passo mais importante e fundamental.

Esta visão essencial forma a base da qual emana a solidariedade e a compaixão, porque quando você vive a partir desta visão você faz escolhas que estão em linha com a totalidade de que você faz parte. Você confia no homem seu companheiro e sabe que ele ou ela pode desenvolver-se e melhorar, porque vê o potencial sem limites em tudo e em todos. Você trata todos respeitosamente porque vê que todos têm o mesmo potencial e todos são portanto iguais. Trata os seus relacionamentos numa via sustentável,

porque você está conectado e olha para além desta simples vida. Você movimenta-se com a natureza, porque sabe que é essencialmente uno com ela. Por outras palavras, você adoptou uma atitude construtiva e com esta atitude apoia o todo. Então, somos capazes de modelar a vida com uma força positiva e ser uma força positiva no mundo.

Com esta primeira proposição, foi dado o primeiro passo para compreender a 'Teoria do Todo'. Agora podemos responder à primeira importante questão 'O que é o Todo?'

- Tudo na sua essência é sem limites: é, foi e sempre será.
- Tudo é essencialmente UM, igual e potencialmente sem limites

Questões respeitantes à primeira proposição

Por que é que nós esquecemos a vida uma?

Se nós somos os sem limites, se há uma vida uma, porque é que parece termos esquecido isso? Por que é que as pessoas podem causar umas às outras tanto mal?

Durante o processo de manifestação, o processo de vir à existência ou de nascer, é a primeira fase na qual você desenvolve o lado físico, ou antes, o veículo físico. Existe então a possibilidade de você se identificar demasiado com o lado material da existência, esquecendo assim a sua verdadeira essência. É verdade que os humanos estão agora numa fase em que passámos o clímax do desenvolvimento material, mas ainda não estamos completamente focados no lado espiritual dentro de nós.

Nós estamos um pouco perdidos no nosso próprio desenvolvimento. Esquecemos muitas vezes quem realmente somos. Pensamos muitas vezes que somos a parte de fora, a parte física, enquanto actualmente apenas temos que usar aquela parte de fora como um veículo. Nós estamos, por outras palavras, numa fase do nos-

so desenvolvimento na qual temos esquecido qual é a real finalidade da vida. Perdemos a nossa direcção. Portanto, não é por causa de maldade ou de crueldade inatas que as pessoas põem muitas vezes a cabeça atrás do pescoço, às vezes de forma muito cruel, mas sim por causa da ignorância, porque não conhecemos suficientemente bem a nossa essência interior. Mas estamos a caminho de conhecer essa essência. Essa é a positiva e optimista mensagem da Teosofia. E todos podem reconhecer isso por si próprios.

Podemos acrescentar que estamos tão absorvidos pelos limitados acontecimentos do dia a dia e pelas acções limitadas que desenvolvemos por causa disso que não imaginamos mais como o nosso comportamento está longe de alcançar aquele objectivo.

É a compaixão inerente à primeira proposição?

O livro 'A Voz do Silêncio' afirma que a compaixão é a 'Lei das Leis. A primeira proposição assume o Ilimitado. Pode-se dizer que esta primeira proposição tam-

bém implica que a compaixão é a chave mestra para toda a vida?

É assim, na verdade. À medida que evoluímos, reconheceremos isto cada vez mais conscientemente. A nossa imagem do Todo é também matéria para crescer. Quanto mais nos desenvolvemos melhor veremos como tudo está conectado. E a conclusão íntima que se pode tirar disso é que na verdade a compaixão permeia todas as coisas. Assim, à medida que a cooperação de que você faz parte se torna cada vez mais profunda, então verá que não se pode retirar disso e que tem nisso um certo papel.

Podemos nós experienciar o ilimitado?

Se os humanos são, no seu coração, o Princípio Ilimitado, então temos um belo pensamento, só que isto é muito abstrato. Nós somos onnipresentes, ilimitados, imutáveis. É possível realmente realizar essa experiência? E como pode você viver a partir dessa ideia ou modelar essa ideia na sua vida diária?

Experimentando o Ilimitado, experienciando isso completamente, nunca será possível. Mas quero pensar que

nós podemos reconhecer o *conceito* de Ilimitado, mas de uma forma limitada, porque nós somos limitados. É por isso que nós nunca seremos capazes de ver ou experienciar o ilimitado na sua completude, mas seremos capazes de ver ou experienciar o seu conceito, por exemplo na base das suas consequências, tal como estar conectado com tudo. A ideia de que nós somos parte de um todo mais amplo e infinitamente composto das mais pequenas partículas, isso podemos reconhecer em concreto.

Poderíamos considerar o seguinte: se o conceito de ilimitado é correcto, então temos que observar essa unidade por toda a parte. Por outras palavras, eu devo encontrar conexões em todo o sistema solar, devo ver a mutação de elementos no sistema solar e na galáxia, mas deve também haver mutações entre as células do meu corpo e entre as partículas atómicas que compõem as nossas células. Se tudo faz parte do UNO, temos que ver conexões e mudanças por toda a parte: isto, evidentemente, dentro do nosso nível de consciência.

Acrescentando, pode experienciar um sentido de unidade em qualquer nível. Referimo-nos àquelas experiências místicas que as pessoas têm e nas quais emergem num todo maior. Eles experimentam algo do ilimitado. Você achará isto em todas as espécies de textos sagrados, por exemplo, no *Bhagavad-Gītā*, quando Arjuna se apercebe por um curto momento da verdadeira natureza de Krishna. Arjuna viu então universos dentro de universos. Ele tem uma espécie de experiência de infinito. Não é uma experiência do ilimitado por si própria, porque, mesmo muito exaltada, tem sempre limites ou limitação. Mas está próxima.

Uma vez fiquei num lugar muito lon-

ge de grandes cidades: em milhas à volta não havia nada. Era uma noite muito clara. Era surpreendente o número de estrelas que se via. Era mesmo difícil achar um ponto negro, com tantas estrelas que havia. Pode ver a coerência e que aquilo proporciona uma experiência de totalidade. Você verifica que tudo está de facto relacionado e funciona como uma unidade.

Qual é a origem de um deus?

Pode acontecer que o Princípio Ilimitado tenha transportado para a manifestação um deus?

O Princípio Ilimitado nunca se pode manifestar ele próprio, porque ele é tudo o que existe. E porque AQUILO é tudo, não pode trazer nada ‘para fora’. Não se pode dizer nada de concreto acerca disso. Nem é manifestado nem imanifestado. Acerca de deus, então. Um deus, como tudo o que é manifestado, é relativo. Um deus é uma mónada, tal como nós somos, mas mais desenvolvido. Ele está em relação com outras manifestações: com deuses mais elevados e menos elevados, com humanos. Tudo o que é manifestado é uma mónada e está em relação com outras mónadas.

Deste modo, um deus não é, como muitas vezes é sugerido, um ser onipotente. O Princípio Ilimitado é omnipresente. Em relação a seres não desenvolvidos, nós somos um deus. Como vê, estamos sempre em presença de cooperação, de relações mútuas.

Por que é que as pessoas personalizam o infinito?

A maior parte das religiões clamam que deus é o guia espiritual mas, como reza a primeira proposição, podemos ver deus também como uma fundação Por que é que é necessário para os humanos personalizar esta imagem para

um deus que nos guia?

Em geral, nós tendemos a pensar a partir do nosso próprio ponto de vista. Nós consideramos que a nossa personalidade está no centro do mundo e à volta do qual tudo gira. No nosso curso ‘Pensar diferentemente’, nós ilustramos este pensamento com o bem conhecido facto de que, se nós contamos com os nossos sentidos, pensamos que o Sol se levanta e se põe, ao mesmo tempo que sabemos que a terra gira em torno do seu eixo. Nós chamamos a isto ‘raciocinar sob o nosso ponto de vista’ antropomórfico. Mas com isso nós queremos dizer que atribuímos as nossas próprias características e propriedades a outros. Nós interpretamos o mundo que nos rodeia com as ideias que temos acerca desse mundo. E porque nós não podemos compreender a ideia do ilimitado, reduzimo-la, mutilamo-la no que ela é, atribuindo-lhe toda a espécie de características. Primeiro, aquelas que são qualidades elevadas e universais, mas gradualmente aquela imagem degradada do ilimitado ganha barbas, tem um povo eleito e zanga-se. Por esta via nós fabricamos o nosso próprio deus.

Não pensamos que tudo está *dentro* de nós, que nós temos uma essência divina. E porque não pensamos assim, nós interpretamos a grandeza da vida, a vida ilimitada, com a nossa visão estreita. Colocamos o divino fora de nós e criamos o nosso próprio deus.

Não pensamos que está tudo dentro de nós, que nós somos essencialmente divinos. E porque não pensamos assim, interpretamos a grandeza da vida, a vida ilimitada com a nossa limitada visão. Colocamos o divino fora de nós e criamos o nosso próprio deus. Evidentemente, nós podemos dizer agora. Por que é que não usa-

mos a palavra ‘deus’ para designar o ilimitado? Assim, nós podíamos facilmente conectar com uma quantidade de pessoas, e afirmar que o ponto de partida é deus. Contudo, essa palavra deus tem sido ‘poluída’ por séculos de pensamento antropomórfico e é precisamente este pensamento que tem causado ideias pomposas que depois degeneram.

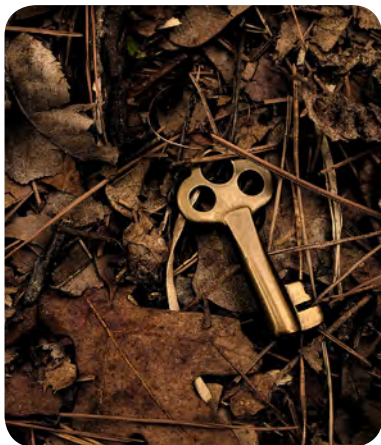
Felizmente, numa grande quantidade de religiões podemos ainda encontrar pensamentos espirituais sobre o ilimitado. No Taoismo fala-se do TAO, uma referência ao Todo Ilimitado. A ideia original de Allah no Islão refere-se também ao Ilimitado, tal como no Ain Sof na tradição judaica. No Cristianismo Gnóstico original, a palavra Deus referia-se ao que não tem atributos, não era um ser, mas sim um Princípio Ilimitado. No Budismo, com a sua ideia de vazio (ou vácuo) também se refere ao Ilimitado. É bom que saibamos isto, especialmente na nossa comunicação com os irmãos das outras diferentes religiões. Podemos fazê-los apontar para o coração das suas próprias tradições espirituais.

É ‘nada’ alguma coisa de real?

A conclusão a partir do Princípio Ilimitado é que tudo é sem limites. Isto significa automaticamente que este ‘nada’ não pode existir. Assim, ‘nada’ não faz parte do Princípio?

Trata-se um pouco de jogo de palavras, mas, se se define ‘nada’ como ‘não alguma coisa em particular’, então aí está, porque o Ilimitado não é alguma coisa em particular, porque Ele é tudo. Contudo, pode acontecer não haver dúvidas acerca de ‘nada’, no sentido de que alguma coisa não está lá, porque tudo está lá, é o Ilimitado. Se se começa a partir do Infinito, como se estabeleceu claramente na primeira premissa, então não se pode

chegar à conclusão de que isso pode ser ‘nada’. Há sempre ‘alguma coisa’, isso não significa que não está lá, mas que está fora da nossa capacidade de percepção. Não há vácuo, qualquer coisa que está agora endossado pelos físicos. A partir do nosso ponto de vista, a partir da forma manifestada que nós somos agora, uma quantidade de coisas não pode ser vista. Há muito mais coisas que nós não podemos apreender, que não podemos entender. Mas elas estão aqui.



Centelhas da Eternidade

A primeira ideia fundamental e essencial da ‘Teoria do Tudo’ é a ilimitação. Acima de tudo, segundo a primeira proposição fundamental, há um Princípio Omnipresente, Eterno, Ilimitado e Imutável. Tudo, desde a mais pequena partícula até ao mais vasto cosmos, tudo o que nós vemos e não vemos, pertence e é, na sua essência, o Ilimitado. Mas só este princípio não é suficiente para explicar tudo. Como é que as coisas vêm à existência? E como é que nada muda? Duas outras proposições são necessárias para explicar tudo isto. Nesta explanação darei uma delas. Ciclicidade: a ida e a vinda dos seres. As manifestações da vida ilimitada tomam lugar com a regularidade de um relógio. Ainda que radicadas no Ilimitado, estas manifestações são limitadas.

A segunda proposição

Em *A Doutrina Secreta* esta premissa é formulada como se segue.

A Eternidade do Universo in toto, como plano sem limites; periodicamente ‘cenário de Universos inumeráveis, manifestando-se e desaparecendo constantemente’, chamados ‘as Estrelas que se manifestam’ e ‘as Centelhas da

Eternidade’.

‘A Eternidade do Peregrino’ é como um abrir e fechar de olhos da Existência-por-si-Mesma’, segundo o Livro de Dzryan.

Isso parece complicado. Tentaremos discutir os principais elementos da segunda proposição.

‘A Eternidade do Universo ‘in toto’. O que é que se quer dizer com isso? ‘In toto’ quer dizer completamente, na sua totalidade. Por outras palavras, trata isto de uma enorme expansão, de um incalculável espaço, e de tudo o que nele vai. É qualquer coisa que existe por toda a eternidade, que sempre tem existido e sempre existirá.

Tente imaginar isto: um espaço ou uma ‘área’ – se é que podemos usar esta palavra – com biliões e biliões de anos luz de largura, e no qual estão localizados biliões de sistemas de galáxias ou de galáxias. E estamos agora a falar sobre o que é perceptível aos nossos sentidos e que é apenas um fragmento dos mundos cósmicos. Esta enorme ‘área’, que para nós é impossível compreender, é periodicamente o recreio da ida e da vinda de universos. Isto pode soar estranho, que o Universo é o recreio de incontáveis universos menores. Significa que neste gigantesco Universo

outros universos mais pequenos estão constantemente a manifestar-se e a desaparecer. Colocando isto em termos humanos, eles nasceram dentro dele, morrem e desaparecem e voltam depois a nascer dentro dele. Esta é a lei da periodicidade ou da ciclicidade.

Universos

Assim, o que são estes universos?

Um universo ou um cosmos é um todo vivo e ordenado. De facto, a forma não interessa. Por exemplo, o nosso sistema solar com os seus planetas é um universo, mas a nossa Via Láctea, com os seus milhões de sois, é mais do que um universo. Mas o homem é também um universo, microcosmos. Assim, todos os seres vivos são universos, não importa se são grandes ou pequenos. E todos estes seres vivos vêm à existência, aparecem, são activos por um determinado período de tempo e depois desaparecem ou, tal como os seres humanos costumam dizer, eles morrem. Há uma diferença entre estes Universos?

Agora chegámos a um pensamento muito importante. Não, não há uma diferença essencial entre esses universos. Isso é explicado na ideia seguinte a partir da segunda proposição. Estes universos são chamados ‘centelhas da eternidade’. Na literatura teosófica eles são também referidos por um outro nome: ‘mónadas’. Mais tarde falaremos mais acerca destas mónadas, mas podemos desde já dizer que estas mónadas são na sua essência sem limites, tendo sempre existido e haverão de existir sempre. Cada universo, incluindo o homem, mas também um animal, uma planta e um mineral é uma mónada que sempre existiu. Assim, nunca pode haver criação no sentido de que algo apareceu pela primeira vez; que um ser possa deixar de o ser. Isso é impossível, porque tudo tem sempre existido.

O Eterno Peregrino

O facto de que todos os seres – incluindo nós – sempre existiram está expresso nestas palavras: Eterno Peregrino. O Peregrino é a mónada, que cresce constantemente em consciência e em sabedoria. Um importante pensamento que também vem do âmago da terceira proposição. Bem, todas estas mónadas vão e vêm como o fluxo e o refluxo do mar. Elas estão sujeitas à ciclicidade. Que é que você entende por ciclo?

Ciclos

Um ciclo é um período de tempo percorrido periodicamente no qual um ser desenvolvido expressa as suas capacidades. Tome como simples exemplo o dormir e o

acordar de um ser humano. Em cada manhã, nós levantamo-nos e começamos o nosso período activo. Durante este período nós podemos aprender, crescer em sabedoria, habilidade, consciência. Quando este activo período chega ao fim, entramos num período de descanso; aquilo a que nós chamamos sono. No dia seguinte nós repetimos o processo, subindo a um nível um pouco mais alto, partindo do princípio de que aprendemos alguma coisa no dia anterior.

O que se aplica a um ser humano aplica-se a todas as mónadas do sistema solar, planetas mas também átomos, como se diz. Todas as manifestações são mónadas e por toda a parte as mónadas manifestam-se ciclicamente.

Assim, em cada ciclo há alternância de um período de actividade e de descanso. O tempo dispendido em cada uma destas fases tem diferentes aspectos. Um ciclo de quatro estações dura logicamente 365 dias. Enquanto o de um dia e uma noite dura 24 horas. No mundo atómico encontraremos ciclos de fracções de segundo, enquanto no ciclo cósmico pode algumas vezes exprimir-se em biliões de anos. Mas a ideia básica é a mesma por toda a parte; a alternância entre a fase activa e a fase passiva. A transição para a actividade chama-se nascimento ou acordar; a transição para a inactividade é chamada morte ou sono. Podíamos dar incontáveis exemplos de ciclos: o dormir e o acordar, as quatro estações, as fases da lua, o fluxo das ondas, o bater do coração. A mónada, o ser vivo, passa sempre de um período activo (para o ser humano isso chama-se encarnação) para um período passivo. Chamamos a esta transição ‘morte’. A ‘morte’, todavia, não é uma ausência de vida, mas sim uma fase passiva, através da qual a mónada viaja. Depois, há outra transição para a vida activa. Nós chamamos a esta transição nascimento. À medida que vamos tomando consciência de que, atrás de um ciclo, a mónada está trabalhando, temos a imagem correcta do ciclo. Por outras palavras, são elas que se manifestam constantemente de uma forma cíclica. Vamos, pois, penetrar um pouco mais fundo nestas ‘centelhas da eternidade’.

Mónadas

Mónadas são unidades indivisíveis. São reflexos do Ilimitado e são portanto ilimitados no seu coração. Partindo do Ilimitado, Onnipotente Eterno e Imutável Princípio da primeira proposição fundamental, as mónadas são igualmente ilimitadas. Em resumo, tudo pertence ao Princípio. Como Centelhas da Eternidade, elas têm todas as essências dentro delas, ao qual nós podemos figurativamente chamar

o Fogo Central Ilimitado. Ou, para se exprimir noutro imaginário: cada mónada é uma onda, uma ondulação no Oceano Bendito do Ilimitado. Tal como uma onda, ela é parte daquele Oceano e é tudo o que o Oceano é. É por isso que se pode também dizer das Mónadas que elas são onnipresentes. Isto quer dizer que elas são tudo. De maneira nenhuma ocupam elas um lugar. Das mónadas se diz que elas são uma circunferência que não está em parte nenhuma e que o seu centro está em toda a parte. São eternas. Assim, não são criadas, não podem morrer no sentido absoluto da palavra. Sempre existiram e sempre existirão.

Para além disso, as mónadas são ilimitadas. Na essência, elas têm dentro delas todas as potencialidades e possibilidades. Não há nenhum poder a não ser você ou eu, mas também um animal, que não as tenham dentro de nós. Se nós desenvolvermos ou não essa capacidade, torna-la activa – isso são outros contos.

Aparece agora uma dificuldade. As mónadas são imutáveis. E todavia elas estão constantemente a mudar. Como poderíamos ver isto? Bem, na sua essência, elas são o próprio ilimitado e isso nunca pode mudar. Elas mudam ainda a todo o tempo. E por essa razão nós queremos dizer que elas sempre vão de um estado para outro. Isso é também aparente a partir do facto de que elas próprias se manifestam constantemente de uma forma cíclica. A sua mutabilidade consiste em dar mais e mais expressão ao IMUTÁVEL *per se*. Por outras palavras, ao Ilimitado. Finalmente, há uma ideia muito importante no que respeita à mónada: Elas são essencialmente *uma* e estão sempre a trabalhar em conjunto. Na verdade, elas não seriam capazes de se manifestar sem as outras.

As mónadas diferem ainda umas das outras. Na literatura teosófica encontramos portanto termos como mónada humana, mónada divina, mónada animal. Como é que se pode explicar isto quando cada mónada é essencialmente a mesma que qualquer outra mónada?

O estágio de desenvolvimento

A explicação pode ser achada no facto de que nem todas as mónadas ‘desembrulham’ as mesmas faculdades, as mesmas qualidades, no interior de cada uma delas. Neste contexto, usamos deliberadamente a palavra ‘desembrulhar’, que talvez soe estranha, mas que indica claramente o processo. Das capacidades infinitas que estão ‘embrulhadas’ na mónada, a mónada ‘desembrulha’ ou ‘desenrola’ as capacidades; isso significa: ela põe-nas em actividade. Para esclarecer isto, tomemos duas sementes de giras-

sol mais ou menos parecidas. Ponha uma num vaso em Março. Em breve haverá um caule e depois aparecerão as folhas. Não ponha a outra num vaso senão em Maio, espere alguns dias e verá um pequeno ponto sobre a terra. Será que esta mal visível planta difere da outra, que quase se tornou agora um girassol? Não, ela só difere no estágio de ‘desembrulhamento’. A única diferença reside apenas na extensão do desenvolvimento de ambas. Definimos mónada segundo o estágio de desenvolvimento. Se uma mónada se desenvolve dentro da consciência de um animal, então falamos de uma mónada animal; Quando ela perpassa pelo reino humano, – o pensamento – consciência, então nós chamamos-lhe mónada humana. E assim por diante.

Mas na essência todas as mónadas são o mesmo. Elas são idênticas umas às outras. Se meditarmos nisso, a nossa consciência cresce. Nunca desprezaremos ou discriminaremos ninguém e passaremos a olhar para os animais de uma forma muito diferente.

A origem dos ciclos

Se nós agora desenvolvemos ideias acerca das mónadas e dos ciclos, de uns e de outros, ficaremos com uma melhor compreensão de ambos, mónada e ciclo. Como é que um ciclo chega à existência?

Há uma interacção entre diferentes mónadas. Esta interacção acontece porque, por um lado, há uma diferença no seu desenvolvimento, mas por outro lado porque há uma característica similaridade entre elas.

Deixai-me clarificar isto com o nascimento de um ser humano, um exemplo que é sempre o mais fácil para nós porque, acima de tudo, somos humanos. O que é que acontece quando um ser humano nasce? A mónada humana teve o seu período de descanso e sente uma atracção para a existência manifestada, tal como quando nós acordamos depois de uma noite de descanso. Nós não podemos preparar-nos ou envolvermo-nos em actividades urgentes agora, mas temos tudo para fazer nesta fase prévia do ciclo. Sim a vida prévia. Bem, com o objectivo de nascer, de vir à vida activa outra vez, a mónada humana necessita de um corpo ou antes: de um veículo, porque além do corpo físico precisa de outros veículos para ser capaz de se manifestar.

Ora nós dissemos que tudo é uma mónada. Assim, se nós nos restringimos ao corpo físico, para ser mais simples, este corpo é composto por uma infinidade de mónadas: células, moléculas e átomos que compõem o nosso corpo. Vamos chamar-lhes mónadas ‘veiculares’ ou ‘materiais’ por

conveniência. Elas estão ainda num longo caminho para um nível de desenvolvimento – o nível de desenvolvimento – de uma mónada humana. Ainda numa certa perspectiva elas têm a mesma característica. Elas estão afinadas no mesmo tom, como estão, mas não na mesma oitava.

Interacção entre mónadas

Assim, é através desta interacção entre mónadas humanas e as mónadas mais materiais que desponta o ciclo da vida humana. Pode ser difícil imaginar, mas nós, mónadas humanas, jogamos o mesmo jogo em relação às mónadas que são muito mais desenvolvidas do que nós e às quais podemos chamar mónadas divinas. Os deuses, aquelas mónadas que estão desenvolvendo uma consciência universal, precisam de nós para se manifestar eles próprios, na mesma medida em que nós precisamos das mónadas menos desenvolvidas no que nos respeita

Veja-se: toda a natureza mostra uma magnífica e majestosa cooperação.

Esta cooperação e interacção entre mónadas certamente não acaba quando o homem nasce. Naturalmente, o seu corpo mantém-se intacto e ele tem de manter o trabalho com as mónadas menos desenvolvidas. Mas para o seu crescimento, para crescer em consciência, ele precisa de outras mónadas. Estas são em primeiro lugar os seus companheiros seres humanos, os seus companheiros peregrinos. Aprendemos uns com os outros. Em especial necessitamos aprender com os humanos que são mais desenvolvidos do que nós, nossos professores. Aquilo que nós conhecemos menos bem é aquilo que os seres humanos precisam por parte das mónadas que estão acima do reino humano, que nos dão o alimento espiritual que as mónadas humanas devem digerir em ordem a crescer mais. Neste caminho um ser humano, em conjunto com outros, também ganha experiência durante o período activo do ciclo. Esta experiência é processada durante o período de descanso. Eis a razão pela qual a ciclicidade não deveria ser entendida tanto como ciclos rápidos, porque então esqueceremos o elemento do crescimento. Nós vamos em círculos, mas como uma escadaria em espiral, você sobe em círculos. Por outras palavras, o processo do aparecimento e desaparecimento obriga a mónada a desenvolver mais e mais capacidades a partir do seu interior. O peregrino cresce em consciência.

Cooperação entre mónadas de níveis diferentes

Assim há sempre cooperação entre mónadas. Elas não

podem viver ou existir sem outras mónadas. Não há isolamento. O crescimento individual puro é, portanto, impossível. Um importante facto para a nossa atitude na vida. A colaboração existe principalmente porque há diferenças de nível entre mónadas, como vimos. A partir daqui nós podemos desenhar uma importante conclusão para saber como viver as nossas vidas. Ao mesmo tempo, descobrimos que há mónadas mais ou menos desenvolvidas no que respeita aos humanos. Nós chamamos ao primeiro grupo mónadas espirituais e ao segundo grupo mónadas materiais. Mas na sua essência elas são o mesmo. Espírito e matéria são portanto conceitos relativos. Espírito e matéria são um só. São duas fases da mesma vida e, dependendo do seu grau de desenvolvimento, chamamo-lhes espirituais ou materiais. Compare isso com os estádios de desenvolvimento em química. Vapor de água, água líquida e gelo são na sua essência o mesmo H_2O . Apenas o estado difere. Assim aquilo a que chamamos matéria e aquilo a que chamamos espírito é a mesma VIDA, só que em diferentes estágios.

As mónadas humanas – isto é, as mónadas que se desenvolvem na fase do desenvolvimento humano – como seres manifestados, têm todos um lado material e outro espiritual. Podemos escolher qual o lado dentro de nós que queremos que prevaleça. Se nós escolhemos viver principalmente no lado espiritual, então o processo de desenvolvimento – por outras palavras, o crescimento da nossa consciência – irá bem. Seremos cada vez mais e mais capazes de expressar a consciência humana. Na próxima leitura discutiremos isto com maior detalhe.

Consequências

Finalmente queremos apontar algumas consequências das primeira e segunda proposições, que são muito importantes em conexão com a Teoria do Todo. Se nós organizássemos as nossas vidas na base das primeira e segunda proposições – e ainda não discutimos a terceira – a sociedade pareceria diferente. Que consequências são essas? Para já, não há nenhum ponto final. Podemos sempre crescer. Os erros cometidos nesta vida poderão ser corrigidos na próxima. Depois: as mónadas – também as humanas – são sempre diferentes umas das outras. Isto faz a vida rica e bela e, portanto, se nós usamos os nossos talentos para um bem maior – podemos sempre crescer em conjunto. Mas também somos todos iguais. Acima de tudo somos todos mónadas. Assim, ninguém tem mais valor do que o outro. Outra consequência: nós temos um potencial ilimitado. Nós somos seres nobres. Nós podemos construir uma

sociedade bela e nobre. Cada um de nós pode chegar a uma grande compreensão das leis cósmicas, pode divinizar a sua consciência e expandi-la a proporções cósmicas. Para isso necessitamos uns dos outros. Nós não podemos expandir a nossa consciência como um ser isolado. Como o egoísmo é antinatural! Como são pois ignorantes aquelas pessoas que atribuem a eles próprios, à sua família, ao seu grupo ou país mais saúde e mais direitos do que aos outros. E são ignorantes porque o isolamento não existe. O sentimento de separação – pensar que se é diferente ou melhor do que os outros – é, pois, um sentimento antinatural. Tudo existe com e em cada um.

Há uma envolvente tessitura da vida da qual nós somos todos parte integrante. Finalmente, a cooperação é um facto na natureza. Portanto, temos que nos transportar a nós próprios para um grande quadro, mas também ter a certeza de que os outros fazem o mesmo.

Nós queremos concluir com um segundo bloco construtor para a Teoria do Todo.

Que somos nós? Consciências ilimitadas.

Donde vimos? De um ciclo de continuidade. Sempre existimos e sempre haveremos de existir.

Questões acerca da segunda proposição

Imutável, mas todavia sempre mudando

Chamamos imutáveis às mónadas, mas ao mesmo tempo dizemos que elas estão em mudança permanente. É isto possível?

Isto é na verdade um grande paradoxo. Todavia, um paradoxo não quer dizer que alguma coisa não é verdadeira, mas que ‘parece’ ser uma contradição para a personalidade, para aquele que não consegue olhar para além da aparência. Portanto, teremos de pensar um pouco mais profundamente acerca disso.

Bem, cada mónada é essencialmente ilimitada. Tudo é essencialmente ilimitado. Ilimitado e imutável, porque se ela pudesse mudar poderia tornar-se em qualquer coisa que não era antes. Haveria então um limite, e o ilimitado não pode logicamente ter limites. Mas quando uma mónada está manifestada ela evolui. É evolução, desdobramento e expansão do que está dentro dela. Trata-se de um processo que continua por toda a eternidade. Isso quer dizer que a mónada, como ser manifestado, está constantemente a mudar, constante-

mente a crescer, a sair de dentro dela, constantemente a acordar mais do imutável Ilimitado.

Podia pensar-se isto da seguinte maneira: tudo o que é manifestado está constantemente a mudar. O sem limite é o infinito potencial, o inexaurível potencial, e o ser manifestado está constantemente a expressar e a manifestar mais e mais desse potencial; isso faz mais e mais activo aquilo que está dentro do seu coração.

Há qualquer coisa mais importante a considerar. As mónadas terão sempre de trabalhar em conjunto com outras mónadas. Elas terão que trabalhar com outras mónadas menos desenvolvidas em ordem a ser capazes de expressar as suas capacidades. Essa colaboração está constantemente a mudar. Quando se aprende, isso quer dizer que atraímos mónadas mais avançadas na sua esfera de vida nas quais você próprio se pode expressar. Isto acontece, por exemplo, com os nossos corpos, nos quais há um constante fluxo e refluxo de células. Estes seres estão connosco por um instante; alguns deles são apenas hóspedes muito temporários. Este pro-

cesso extremamente dinâmico está sempre a mudar

Sobre pessoas que vivem isoladas

Na segunda leitura foi afirmado que o isolamento não existe. Como é que você julga, por exemplo, grupos de nativos americanos que vivem em forte isolamento na floresta do Amazonas?

Penso que a Teosofia mostra que há uma unidade fundamental, mas também que um indivíduo pode muito facilmente dividir-se ele próprio em todas as espécies de situações limitadas. Num jogo de futebol há 22 jogadores em campo e nós só apoiamos 11 deles. É um bom exemplo de separação no momento.

O sentimento de separação tem um número de fases; tal como um indivíduo que você pode destacar completamente de tudo o mais; você pode também pensar que a sua cidade ou país é diferente de todos os outros países. As pessoas que pensam assim estão sujeitas àquilo a que você pode chamar um sentimento colectivo de separação. É nosso trabalho percorrer cada vez mais com a nossa consciência todos os confins, e é só dessa manei-

ra que nós não só conectamos com o povo da nossa nação mas com todos os cidadãos do mundo. Mesmo esta consciência pode ser expandida porque nós estamos conectados com os deuses, animais, plantas e minerais. Eles também são mónadas. Como vê, podemos tentar expandir a nossa consciência cada vez mais.

Suponhamos que você vive num meio resguardado, como por exemplo, o povo do Amazonas. Estas pessoas podem não conhecer nenhuma outras culturas; as suas fronteiras são o seu habitat. Contudo, se eles próprios souberem ser um com o todo, eles saberão, no seu habitat, que isso é o objectivo mais elevado para eles naquele momento. Assim, mesmo que eles vivam aparentemente separados de outras pessoas, no seu pensamento eles podem sentir-se como um só com tudo o que conhecem. Isto é naturalmente limitado. Mas será que isto não se aplica a todos nós? Todos nós temos limites na nossa consciência, mas podemos sentir por nós próprios como um só com tudo o que conhecemos.

Tal grupo de pessoas na floresta pode viver fisicamente separado dos outros, mas de facto não é caso disso. Eles pertencem à mesma humanidade, ao mesmo planeta, ao mesmo sistema solar que nós. Ao mesmo Universo. A mesma Vida Universal sopra através deles como o faz também através de nós.

Na verdade, o nosso trabalho é expandir a nossa consciência cada vez mais e atravessar os nossos limites. Se me posso tomar a mim próprio como exemplo, posso facilmente concluir que, durante os últimos quarenta anos durante os quais estudei Teosofia, eu descobri cada vez mais algures na minha consciência que havia certas fronteiras que fui partindo ao longo

dos estudos de Teosofia.

Como resultado, ganhei cada vez mais perspicácia ao perceber como tudo é grande, quão longe a consciência pode expandir-se, e que cada limite é de facto uma ilusão. Isso é um processo que nós podemos continuamente desenvolver dentro de nós próprios. Isto é qualquer coisa de muito belo, porque se abrem cada vez mais as portas da nossa consciência para que a sabedoria possa soprar por ela. Em resultado disso ganha-se cada vez mais sabedoria dentro das leis do Cosmos.

São os seres vivos indestrutíveis?

Fala-se de indestrutibilidade. Mas o que é que o elemento fogo faz? Não será que o fogo destrói todas as manifestações materiais? Pode-se dizer que as cinzas estão vivas? O vento levá-las-á por diante. Que dizer disto?

Não se deve conceber a destruição pelo fogo e, a propósito, qualquer forma de destruição como se alguma coisa fosse desaparecer completamente, como se cessasse de existir. O que se verifica é que a sua composição se dissolve. Gottfried de Purucker diz que, se o mais pequeno átomo pudesse ser destruído, todo o Universo colapsaria num intangível nada.

O que acontece actualmente ao queimar ou adoptar outra forma de destruição é que o objecto ou um corpo é dissolvido em inumeráveis partes daquilo de que é composto. Contudo, nenhuma dessas partes pode ser completamente destruída. daquelas partículas só o lado de fora pode ser destruído, mas a força que liga tais partículas, a consciência atrás dela sempre fica. É indestrutível. Para mais, a composição dos seres, assumindo que tudo é cíclico, volta sempre num novo ciclo. Tomando, por exemplo, o nascimento e a morte de

um ser humano, então um humano – uma mónada humana – no processo do nascimento, recolhe outra vez todas as células e átomos vivos que ele tinha deixado na altura de morrer. Ele atraiu os outra vez logo que um novo corpo voltou a formar-se. Este corpo é, portanto, na sua maior parte, composto por seres que o ser humano já usou numa anterior encarnação. Eles têm certas características que seguem aquele ser humano. Quando morre, ele deixará esses seres atrás dele, etc. A partir daqui você pode concluir que a cooperação que você construiu não pode ser destruída ou coisa parecida. É uma consequência dessa cooperação.



Cooperação – crescendo em unidade

Na nossa apresentação da Teoria do Todo, temos sido capazes de responder satisfatoriamente a importantes questões baseadas na primeira e na segunda proposições da Teosofia.

Na primeira leitura intitulada 'Vida Ilimitada', Lalibel Mohaupt disse-nos que tudo em essência é omnipresente, eterno, ilimitado e imutável. Basicamente, tudo é UM, igual e infinito. Durante a actividade, somos capazes de experienciar como é útil pensar acerca da vida ilimitada. Numa mão ela põe em perspectiva as limitações da nossa presente existência, enquanto que na outra ela nos oferece sempre uma perspectiva mais ampla, profunda e expansiva do aqui e agora.

Na segunda leitura intitulada 'Centelhas da Eternidade' Barend Voorham explicou-nos de onde vem e para onde vai tudo. As ilimitadas centelhas da Eternidade ou mónadas, manifestam-se elas próprias ciclicamente em todas as áreas. É um eterno respirar de aparecer e desaparecer, actividade e descanso, nascer e morrer. E sempre em cooperação. A seguinte importante questão a que a Teoria do Todo deveria responder é: o que é que lidera tudo isto?

Há um começo ou um fim?

Pode você controlar a vida? E como é que isso se faz?

Qual é o significado da vida?

Estas questões estarão tratadas na terceira proposição. A partir daqui, tudo se torna mais concreto. Como se passam as coisas noutra vida, como nós desenvolvemos a nós próprios e em direcção a que fim. E naturalmente, este assunto trata-se nas primeiras duas proposições.

Vamos primeiramente ver em conjunto como isso se expressa na *Doutrina Secreta*.

A terceira proposição

A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última um aspecto da Raíz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória para cada Alma, uma centelha da anterior, através do Ciclo de Encarnação, (ou 'necessidade'), em conexão com as leis da Ciclicidade e do Karma, durante todo esse período.

Explicaremos esta terceira proposição passo a passo e focando-nos em três ideias chave. Primeira, a identidade fundamental com a qual começa a terceira proposição. O que é que isto significa exatamente? Identidade e igualdade são temas muito atuais. A terceira proposição acrescenta al-

gumas dimensões mais a este tema, a fim de obter uma visão mais clara.

Em segundo lugar há uma estrutura hierárquica, um entramado vital hierarquizado. O conceito de emanção joga também um papel nisso. Explicaremos isto melhor. Esta ideia é a ideia base para uma direcção natural, crescimento conjunto e desenvolvimento.

A terceira e última ideia matriz que queremos acrescentar é o desenvolvimento auto-induzido. É através da peregrinação evolucionária que cada alma, cada um de nós, anda para a frente. É a base para a liberdade, independência e responsabilidade.

Identidade fundamental

Vamos começar com a ideia central da identidade fundamental. Leiamos outra vez a frase da terceira proposição fundamental que já foi mencionada.

A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal sendo esta última um aspecto da Raíz Desconhecida.

Três níveis podem ser identificados aqui:

O primeiro nível pode ser chamado Raíz Desconhecida. Isto é uma referência para a primeira proposição, o Ilimitado.

O nível seguinte é o da Alma Suprema Universal, digamos que é um aspecto do primeiro. Por outras palavras, a Alma Suprema Universal é um aspecto do princípio Ilimitado, uma Alma Suprema ou raiz da consciência, dentro da qual as almas crescem ou desenvolvem as suas qualidades. A Alma Suprema é uma mónada que está adiante a expressar as suas qualidades.

A Alma Suprema é uma mónada que está no topo a expressar as suas qualidades universais. É a mais desenvolvida na hierarquia. Ela irradia esta qualidade para toda a hierarquia. O terceiro nível é a Alma. Outra vez a mónada tem uma importância capital para a Alma. A Alma suprema está conectada com todas as mónadas como num campo de jogos e vice versa, ou seja, todas as mónadas na sua esfera estão conectadas com a Alma Suprema como sua fonte ou raiz, no seu plano superior ou inferior. Cada mónada pode ser vista como uma mónada criança da Alma Suprema e esta como sua mãe.

A igualdade fundamental pode de facto desde já concluir-se da primeira e segunda proposições. As estrelas manifestando-se ciclicamente, peregrinos ou mónadas,

são centelhas do mesmo fogo ilimitado e todas elas têm o mesmo potencial ilimitado. Contudo, a terceira proposição também acrescenta que há uma conexão hierárquica entre a Alma Suprema e a Alma.

E começando pelo ilimitado e pelo infinito, não há uma, mas incontáveis hierarquias. Pense mesmo na estrutura da natureza, do microcosmos ao macrocosmos: um átomo que é parte de uma molécula, uma molécula parte de uma célula, uma célula de um corpo, um corpo de um reino da natureza, um reino da natureza é parte de um planeta, um planeta parte de um sistema solar, o sol ou as estrelas de uma galáxia, etc. Em qualquer nível podemos definir Alma e Alma Suprema ou Super Alma. A Alma ou mónada de uma célula humana pode ser vista como uma alma suprema para os seres que estão dentro dela. Esta mesma célula, por sua vez, desenvolve-se dentro de uma esfera para a qual os seres humanos são almas suprema. Dentro deste raciocínio, cada ser é, ao mesmo tempo, uma Alma e uma Alma Suprema, embora tenham uma fundamental identidade.

Há, porém, mais para dizer acerca da identidade fundamental, porque respeita não apenas ao que um ser humano é na essência, mas também às leis da natureza que se aplicam aos seres vivos na sua jornada evolucionária. Vamos voltar atrás no texto por um momento.

A Lei Cíclica e Kármica

Nós lemos: 'a peregrinação obrigatória para cada Alma, uma centelha da anterior, através do Ciclo de Encarnação, (ou 'necessidade') de acordo com a Lei Cíclica e Kármica durante todo o período'.

Em aditamento à peregrinação obrigatória para cada Alma, voltaremos atrás e achamos aqui 'de acordo com a lei cíclica e kármica'. Assim, isto aplica-se também a cada Alma. O que é que esta lei significa? No que respeita à lei cíclica, podemos ser breves e referir-mo-nos à anterior leitura. Todas as vidas se movem ciclicamente, como dissemos. Na verdade, a lei kármica é um novo aspecto da lei cíclica.

Ela refere-se ao conceito de karma, que literalmente significa acção. É o princípio da causa e efeito, da qual emerge que as características de uma acção têm sempre um efeito de retorno. Esta lei é uma consequência natural da unidade de toda a vida. Tal como o movimento de um peixe no oceano influencia a totalidade do oceano. Ao mesmo tempo o oceano arrasta uma reacção ao movimento do peixe, por meio do qual ele pode nadar. Assim acontece com cada acção, e mesmo com cada um dos nossos pensamentos, que têm um efeito no todo e cedo ou tar-

de redundam em adequadas consequências. Se o nosso pensamento ou acção está em linha com o todo, então a reacção é harmoniosa. Se está em contradição com o todo, então haverá uma reacção para restabelecer a harmonia. Pense numa improvisação de jazz. Cria-se uma certa harmonia em conjunto. Num solo você pode ter a liberdade de emitir o seu próprio solo, mas com os músicos seus companheiros sempre tem de voltar ao esquema do acorde. Pelo menos se quiser ficar na banda. Com este exemplo você vê imediatamente a conexão com a ciclicidade. O ritmo e o número de barras determinam o momento em que você pode tocar um certo acorde outra vez.

Outro exemplo: Se você é um surfista e tenta apanhar uma onda no mar, tem de começar a remar na altura certa e erguer-se na onda também na altura certa. Se nós aplicarmos este exemplo à ciclicidade das nossas vidas, isto significa que as encarnações devem passar antes do momento certo ou das melhores condições para um certo desenvolvimento kármico ou lição que aparece. A questão é que, já estaremos desenvolvidos de modo a apanhar a oportunidade? Esta lei mostra que o Universo é consistentemente justo. Não há nenhum ser, nenhuma Alma, nenhuma Alma Suprema que possa escapar às consequências dos seus actos. Ou, para dizer de uma forma mais positiva, nenhum pensamento ou acção, visível ou invisível, servindo o todo, deixará, mais tarde ou mais cedo, de produzir um resultado harmonioso, que o traz mais perto do Todo. Porque, na essência, nós somos esse Todo. Nas palavras de Martin Luther King, o arco do Universo moral é comprido, mas pende sempre para a justiça.⁽¹⁾ Assim, nós vemos que a identidade fundamental é aplicada não apenas àquilo que cada ser humano é na sua essência, mas também àquilo que cada ser humano tem de fazer para evoluir: a peregrinação obrigatória segundo as leis da ciclicidade e do karma. Por outras palavras, a lei universal aplica-se a todos os seres sem excepção. Eis também porque nós formulamos a terceira proposição desta outra maneira: ‘assim como é em cima, é em baixo’, a que se chama também axioma hermético.

Isso significa também que, reconhecendo a lei universal, pode deduzir como ela funciona em qualquer nível do Cosmos. Não podemos aqui descer ao detalhe, mas é muito interessante e perspicaz pensar acerca disso, por exemplo, o que quer dizer a juventude de um planeta ou a puberdade de uma civilização.

A identidade fundamental de todos os seres é universalmente reconhecida como um valor ético universal, mas há ainda muito para ser ganho. Isto é a base da justiça.

Todos nós sabemos quanta desigualdade ainda existe entre os povos em termos de oportunidades, propriedade, cor, raça, género, direitos, etc. Mas podemos estender esta realidade à forma como tratamos os animais ou intervenimos no ecossistema, por exemplo.

A coerência na natureza e a nossa responsabilidade dentro dela tornam-se mesmo mais claras quando nós consideramos a seguinte ideia chave.

A teia hierárquica da vida

A ideia chave é a teia hierárquica da vida e o processo de emanção. Já abordámos o tema da estrutura hierárquica da vida na terceira proposição, mostrando a conexão entre a Alma Suprema e as Almas, ambos aspectos da raiz desconhecida ou do Ilimitado.

Queremos agora pensar nesta conexão e chegar ao conceito de emanção. Actualmente este conceito é já discutido numa nota de rodapé da segunda proposição de *A Doutrina Secreta*. Citando:

“Peregrino” é o nome dado à nossa Mônada (os Dois em Um) durante seu ciclo de encarnações. É o único Princípio imortal e eterno que existe em nós, sendo uma parcela indivisível do todo integral, o Espírito Universal, [também chamado a Alma Suprema, E.B.] de que emana e em que é absorvida no final do ciclo. Quando se diz que emana do Espírito Uno, usa-se de uma expressão tosca e incorreta, por falta de palavras adequada.

Deste modo, aquela expressão não é exacta, mas ‘emanção’ é a palavra que mais se aproxima do processo de nascimento da mônada ou Alma, do maior ao mais pequeno, do macrocosmos para o microcosmos, da estrela para o átomo. O que é que esta palavra emanção significa? Literalmente, significa voar para fora. A Alma Suprema como fonte da consciência irradia um campo magnético – é um campo, de facto – dentro dele, as Almas ‘mais baixas’ ou mônadas manifestam-se elas próprias continuamente, o que lhes dá a possibilidade de desabrochar independentemente.

Como exemplo, você pode pensar no Sol a fluir constantemente os seus raios. Agora seria interessante fazer uma pausa por instantes para considerar que tipo de raio tem actualmente o Sol, porque isso oferecer-nos-á muitas pistas para determinar qual dos raios da Alma Suprema é a Alma do Sol.

Primeiro que tudo, um raio não pode ser visto separadamente do Sol. Por exemplo, um raio não pode ser cortado.

Da mesma maneira, as Almas e a Alma Suprema estão inextricavelmente ligadas.

Tudo o que está ao alcance do Sol é iluminado pelos seus raios. Além disso, o raio só se torna visível quando há qualquer coisa em que se possa reflectir. Pense em partículas no ar ou numa superfície. É o mesmo com as mónadas, que necessitam de um corpo ou instrumento para elas próprias se manifestarem em ordem a se tornarem activas num determinado plano de existência. Só na manifestação é que reconhecemos a Mónada como parte aparentemente separada do ser. Mas tal como um raio de luz mostra a luz do Sol, da mesma maneira a mónada reflecte a Alma Suprema. Quando um raio se reflete nalguma coisa, ele reflete também aí todos os tipos de sub-raios. Pense no reflexo do Sol num vidro ou num espelho. Cada mónada é a fonte de um espectro de diferentes mónadas pequenas. E cada raio consiste de partículas, de fotões, que, depois de um longo ciclo, regressam eventualmente à fonte, ao sol do qual eles são originários. Tal como as mónadas eventualmente regressam à sua Alma Suprema, a sua fonte. Os pitagóricos sumariavam este conceito de emanação numa imagem chamada Tetractys.

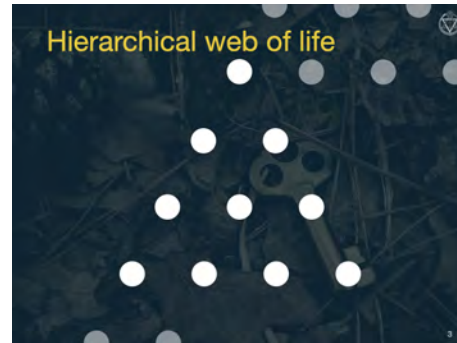


Você é uma Alma Suprema aqui no cimo, uma fonte de ser dentro de cuja esfera ou plano existem diferentes níveis de outras Almas, mónadas, entidades vêm a ser e têm a sua existência.

Visto do infinito, tal vértice com a sua teia hierárquica de vida faz parte de uma teia hierárquica maior de vida.

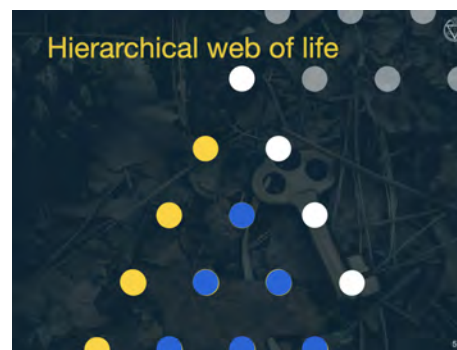
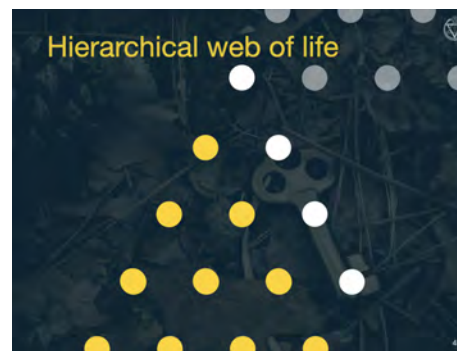


E também as mónadas mais baixas de tal teia hierárquica de vida são elas próprias cabeças de uma teia hierárquica de vida.



E assim por diante até ao infinito.

Há hierarquias dentro de hierarquias. Cada Alma ou mónada mais baixa gere um plano para mónadas mais baixas ainda e ela própria é uma Alma Suprema em relação às outras que ela contém, como se pode ver nesta imagem e na seguinte.



Assim, o homem é uma Alma Suprema para todos os seres que se formam no seu corpo. Aqui você pode pensar nas incontáveis células, átomos, etc., que têm a sua existência dentro da nossa esfera e que continuamente atravessam a vida em ciclos dentro de ciclos no nosso corpo; a nossa digestão, a nossa inspiração e expiração, a circulação do nosso sangue, etc. Cada batida do nosso coração é um ciclo de nascimento e morte para os incontáveis universos

infinitesimais dentro da nossa esfera vital.

Assim, este processo de emanção procede sempre de um relativo cume, de uma Alma Suprema, de um ápice, de uma hierarquia ou de uma fonte de ser. Seja o que for que lhe queira chamar. Este ser forma o plano ou nível para as manifestações das mónadas ‘mais baixas’.

Esta cooperação não é uma coincidência. Há uma afinidade, uma característica igual, que tem sido construída em círculos prévios e que atrai kármicamente os seres uns aos outros. Os átomos, moléculas e células do nosso corpo não vêm até nós como se apresentam agora. Dependendo do nosso foco de vida, elas evoluem connosco ou algumas devem deixar-nos enquanto atraímos outras. Pense, por exemplo, na espécie de comida que nós comemos. Se, por exemplo, você muda o seu padrão de comida, você atrai outros átomos e o seu corpo desenvolver-se-á de modo diferente. Deste modo você também poderá mudar o seu alimento mental e espiritual e então mudará lentamente o seu carácter. Na terceira proposição há uma menção mais a um vínculo ‘... durante todo o termo.’ Neste caso, durante um ciclo de vida da Alma Suprema. Mas, tal como explicámos, isto também é relativo, depende de se você fala de um sol ou de uma Alma Suprema, de um ser humano ou de um átomo. Do macrocosmos ao microcosmos, quer em cima, quer em baixo, o processo é o mesmo. E porque tudo segue as leis da ciclicidade e do karma, a cooperação não é limitada a um ciclo ou a uma era. Nós construímos vínculos kármicos e no próximo ciclo encontrar-nos-emos outra vez. Tal como encontramos os nossos colegas outra vez no próximo dia de trabalho, nós atraímos os nossos tijolos de construção para continuar a aprender e a trabalhar com eles em cada encarnação.

Com cada emanção, pode ver a cooperação das mónadas, como Barend Voorham já vos contou. A terceira proposição acrescenta que esta cooperação é uma estrutura hierárquica baseada na afinidade.

Finalmente há um importante acrescento a ser feito. O que faz a Super Alma, *uma* Alma Suprema? Na terceira proposição é explicado que cada alma divina vem para uma existência consciente independente como um raio ou centelha da Alma Suprema. O que é que isto significa para a característica da Alma Suprema? Sendo a Alma Suprema uma unidade de funções, ela própria identifica-se completamente com tudo o que está dentro da sua hierarquia. Tal como a luz do Sol em relação a tudo e a todos que vivem dentro do seu âmbito. A característica é a Unidade.

Isto representa directamente a essência da real liderança,

da qual nós já intuitivamente sabemos que o que faz um líder ser líder é a sua capacidade para se identificar com os outros e a sabedoria para os inspirar não importa quem sejam no seu desenvolvimento.

Todavia, estes seres devem caminhar na sua peregrinação por si próprios, com independência. Tal como um pai não pode caminhar pelo seu filho, assim as almas devem percorrer a evolução por si próprias.

Evolução auto-induzida

E isto traz-nos para a terceira e última ideia central: a evolução ou desenvolvimento auto-induzido, como lhe chamámos antes e a peregrinação obrigatória. Vamos voltar atrás outra vez para o texto da terceira proposição fundamental.

Lemos ‘...a peregrinação obrigatória de todas as Almas, a centelha da primeira através do ciclo da encarnação (ou necessidade) de acordo com a lei cíclica e kármica, até ao fim do período.’ Cada Alma – e tínhamos concluído que isto também se aplica a todas as Almas Supremas - vai numa peregrinação obrigatória. Mas o que é que essa peregrinação acarreta? Vamos primeiramente pensar acerca da palavra peregrino, porque se trata, naturalmente, de uma escolha consciente.

Sabemos que um peregrino é alguém que viaja de um lugar para outro, geralmente lugares sagrados. Etimologicamente, significa alguém que vai além do seu país; ou também, numa tradução livre: alguém que vai além do seu estado de ser. Aqui é outra vez um sinónimo de mónada que percorre ciclo após ciclo em diferentes planos de existência.

Esta peregrinação é obrigatória para cada mónada no sentido de que nenhuma mónada pode evitar um degrau neste percurso. Tal como cada criança em cada nova encarnação tem de aprender a andar, a falar e acabar a escola. Assim, cada mónada tem de ir através de diferentes estágios de desenvolvimento da hierarquia em questão. Pense nisso como uma escola da vida com vários degraus. Agora pode dizer que alguns podem escorregar ou regredir um degrau. Mas isso é apenas uma questão de aceleração ou atraso. As aptidões e o material que se necessita para ser dominado permanece o mesmo. Só que uns podem ir mais longe do que outros, baseados no seu desenvolvimento em ciclos precedentes.

O que é que esta peregrinação parece? Encontrará o seu significado nas frases explicativas contidas na terceira proposição. ‘Nenhuma pura (...) divina alma pode ter uma existência (consciência) independente antes que a

centelha (...) – (a) tenha passado através de cada forma elemental do mundo fenomenal (...) e (b) adquirir individualidade, primeiro por impulso natural e depois por esforços auto induzidos e auto desenvolvidos (limitados pelo seu karma), ascendendo através de todos os degraus da inteligência, (...) do mineral para a planta até ao mais elevado arcanjo (Dhyâni-Buddha).’ O desenvolvimento ou evolução passa através de umas poucas fases da vida. Vamos considerar esta evolução.

Esta evolução é de facto outra face da moeda do processo de emanção. Com a emanção, a ênfase reside um pouco mais na inspiração da Alma Suprema ou ápice. Emanção, desenvolvimento ou evolução, não sendo nada mais que a palavra latina para desenvolvimento, é mais sob a perspectiva da mónada ou peregrino dentro da hierárquica teia da vida da Alma Suprema.

Emanção já diz que é um processo que tem lugar a partir de dentro. Cada mónada tem em essência possibilidades ilimitadas no seu interior, como concluímos antes. E trazer a consciência à manifestação no reino exterior é o que chamamos emanção. Por exemplo, nós desenvolvemos certos ideais, intuições, conhecimentos elevados, aprender a ajudar os outros, etc. Este processo ocorre durante um certo período, segundo um certo ciclo.

Fases de evolução

Podem-se distinguir três fases no processo evolutivo. E também estamos a citar a partir da explicação da terceira proposição no prómio. A mónada começa com centelha divina inconsciente. Vai através de uma forma elemental do mundo fenomenal ... ‘... por um natural impulso ...’. A mónada vai através de diferentes formas de vida, a que se pode chamar desenvolvimento material. A mónada manifesta-se ela própria dentro desta hierarquia do planeta terra como elemental, como mineral, como vegetal e como um animal. Durante este processo a consciência progride do instintivo para cada vez mais consciência.

A mónada alcança então um ponto em que a evolução ou desenvolvimento se torna autoconsciente e que é o estágio humano. Isto acontece com o desenvolvimento do pensamento independente. É a fase em que estamos actualmente. Ali ‘... a individualidade ... é adquirida’. A autoconsciência é a capacidade de a consciência se identificar com alguma coisa. Por outras palavras, é a capacidade para dizer ‘Eu’ a alguma coisa. Esta autoconsciência é ainda limitada no início. Nós identificamo-nos inconscientemente com o nosso corpo, com os nossos desejos ou preferências do nosso eu pessoal. Mas gradual e crescen-

temente vemos que a nossa consciência está além de nós como seres aparentemente separados. Apoiando-nos na primeira proposição, nós somos o ilimitado. O Eu pode expandir-se mais e mais em direcção ao um ser com letra maiúscula. Um Eu que se identifica a si próprio com tudo o que existe.

Este é o maior desenvolvimento espiritual. Então transformar-nos-emos, devagar mas seguramente, numa consciência divina. ‘... através da autoindução e dos esforços auto-planeados...’, ‘... através de todos os degraus da inteligência ...’. A nossa consciência torna-se mais e mais universal e cósmica até realizarmos a nossa unidade com todo o universo de que somos parte e tornamo-nos igual a uma Alma Suprema da qual nós uma vez saltámos como uma faísca. Um velho sufi resumiu isto da seguinte maneira: uma pedra torna-se uma planta, uma planta torna-se um animal, um animal torna-se um humano e um humano torna-se um deus.

Será que a peregrinação acaba então? Alcançámos o topo? Não, porque no ilimitado não há fim, era já a conclusão baseada na primeira proposição. E, de acordo com a segunda proposição, nós continuamos o nosso percurso cíclico. E um novo ciclo seguir-se-á a este. A terceira proposição acrescenta que nós estamos sempre a crescer. Que os ciclos são portanto em espiral. Pelo menos, se nós seguimos a lei cíclica e cármica do todo de que nós somos parte.

Também podemos reconhecer esta grande jornada evolutiva cósmica numa só vida humana. Desde o nascimento nós também nos desenvolvemos mais instintivamente num caminho natural. Até que numa fase adulta nós descobrimos que já nos tínhamos desenvolvido em encarnações anteriores. Eis porque o nosso desenvolvimento nas fases de criança e de juventude são mais rápidos. À volta dos sete anos começamos a pensar independentemente outra vez e a nossa autoconsciência é reactivada.

A partir da idade adulta, por volta dos 21 anos, nós estamos outra vez naquela fase de evolução da consciência à qual acedemos na última encarnação. A partir daí nós próprios evoluiremos, em maior ou menor grau, em função do esforço que pusermos nisso. E usualmente, em diferentes fases da vida, há atracções diferentes: educação, procura de um emprego, de um companheiro, uma casa, crianças, meia idade, envelhecimento, reforma, etc. De um ponto de vista espiritual, pode ver-se uma mudança de uma orientação mais material para uma atracção mais espiritual. Isto é uma cópia ao nível microscópico de um processo universal, pelo menos no que deveria ser numa vida humana harmoniosa.

A partir desta transformação da mónada, na marcha evolucionária da Alma (com maiúscula), pode ver-se directamente como passamos toda a nossa vida tão ilusoriamente, por exemplo, coleccionando posses materiais. E também quando nós nos identificamos só com o 'Eu sou Eu', nós vivemos numa ilusão. O crescimento natural é o crescimento da consciência. E o crescimento da consciência é o florescimento da realização do Uno, na verdade a nossa verdadeira natureza. Assim, não há nada tão natural como a dedicação ao todo. E é precisamente no esquecimento de si próprio que você achará o seu verdadeiro Ser. Em poucas palavras, este é o significado da vida. É o destino de cada peregrino Manifestar o Eu Divino. Estas são as três ideias fundamentais da 3ª proposição fundamental:

- A identidade fundamental de todos os seres
- A hierarquizada trama da vida
- E a evolução auto-induzida ou da obrigatoriedade da peregrinação.

Conclusões

Um número de importantes conclusões a tirar desta terceira proposição.

- O desenvolvimento é a expressão crescente da unidade. A partir da primeira proposição a unidade ilimitada da vida pode já ser deduzida. A terceira proposição mostra que esta unidade está reflectida na manifestação. Com a Alma Suprema no topo, dentro da qual todas as mónadas vão através da sua peregrinação até realizarem a unificação com esta hierarquia do ser. E há uma quantidade inumerável de tais unidades, inumeráveis universos que são, cada um, parte de uma ainda maior trama de vida. E assim nós crescemos até à próxima hierarquia mais ampla, na qual podemos ainda atingir uma maior unificação, tornar-se mesmo mais universal.
- A segunda conclusão que podemos tirar é que este crescimento ou desenvolvimento só é possível em cooperação com o todo. Todos os seres vivos são fundamentalmente idênticos e inseparáveis. O crescimento real é a identificação cada vez mais ampla da nossa consciência com toda a outra vida. Com os nossos companheiros seres humanos, os animais, as plantas, os próprios deuses, incluindo todo o planeta e todo o sistema solar de que se é parte. A lei cármica é cooperar com a Natureza ou com o todo. Esta lei não é uma força trabalhando sobre nós a partir do exterior,

mas nós próprios somos na essência uma manifestação desta lei, porque nós somos de facto essa natureza, esse todo. O facto de nós não o reconhecermos e de não agirmos segundo ela é apenas uma limitação do nosso ponto de vista., a partir do qual criamos tanta desarmonia. Mas esta desarmonia não é outra coisa senão o processo natural de recuperação da harmonia do todo. O Universo é fundamentalmente justo

- Isto conduz-nos necessariamente à terceira e última conclusão: a fraternidade universal é um facto na natureza. Tentando expressar esta fraternidade universal, ela não é um ideal romântico inatingível, é um tema de reconhecimento de um facto universal. E expressado fora de uma vontade livre.

Não é preciso pensar muito acerca das mudanças que ocorreriam se a perspectiva da generalidade das pessoas acerca da vida fossem baseadas nestas três proposições fundamentais. É impensável que haja ainda algumas pessoas que possuem mais do que metade da população mundial, que têm que viver com alguns dólares por dia. Ou pensar no modo como nós tratamos as outras vidas na terra. Se vivêssemos de acordo com esta visão, estaríamos muito mais focados no desenvolvimento espiritual dos outros e ficaríamos certos de que cada um tem o seu lugar na contribuição para o todo. Assim, o que é que nos guia? Na essência crescendo em unidade, expressando a unidade de forma crescente.

Reference

1. <https://kinginstitute.stanford.edu/king-papers/documents/statement-ending-bus-boycott>.

Questões relacionadas com a terceira proposição fundamental

Transformação e evolução

Falou acerca de transformação. Porque é que usou a palavra transformação e não evolução. Qual é exactamente a diferença?

Nós escolhemos deliberadamente a palavra ‘transformação’ porque ela indica claramente o que quis dizer. Todas as potencialidades, todas as faculdades estão enclausuradas na nossa consciência. Elas são transformadoras e estão a ser transformadas. Evidentemente que nós podíamos também usar a palavra evolução, porque evolução, palavra latina, quer dizer transformação. Mas nós não fizemos isso porque muita gente pensa na teoria de Darwin quando ouve falar na evolução. Aquilo a que Darwin e os seus sucessores chamaram evolução não é seguramente evolução, porque é actualmente uma espécie de transformação da forma exterior. O que nós estamos a tentar pôr claro e que todas as forças estão escondidas na consciência humana e tudo o que está aí envolvido, porque tudo o que está aí envolvido pode evoluir. Pode-se usar a palavra desenvolvimento ou evolução, evidentemente, desde que se compreenda o que significam esses termos. Não há diferença entre estas palavras. Todavia, por razões didáticas, para evitar mal entendidos usaremos a palavra desdobrar.

Há algum ponto de partida?

Eu tenho uma questão acerca do facto de as mónadas serem imutáveis – tendo o mesmo potencial – mas não tendo desdobrado as mesmas qualidades. Então, há um desenvolvimento de a para b. Mas nem todas as mónadas partem de um certo ponto. Se elas têm todas as mesmas

qualidades e têm estado sempre aqui, onde está a diferença?

Não há tal coisa como um ponto de partida. E isto porque o princípio ilimitado não conhece nem princípio nem fim. Assim, tudo se desenvolve sem fim e decorre sempre assim. Isto quer dizer que nem todas as mónadas podem estar no mesmo ponto. Há incontáveis mónadas e incontáveis estágios de desenvolvimento nos quais estas mónadas existem. Quando um grupo de mónadas se desdobrou para um estágio ou nível de desenvolvimento mais alto, o seu lugar na hierarquia é imediatamente tomado por outras mónadas que já passaram por todos os estágios anteriores.

Tem tudo a ver também com a vontade livre. A rapidez com que a mónada se transforma é determinada por ela própria. Ela desenvolve-se pela sua própria força interior. Eis porque cada mónada está num ponto diferente de desenvolvimento. Eis porque a mónada, enquanto mónada, é fundamentalmente o mesmo: uma centelha da eternidade.

Expressando-se você de modo diferente, trata-se de uma questão de cooperação. Cada mónada necessita de cooperação para se expressar ela própria, para expressar o que pode expressar em cada momento. Para realizar isto, ela necessita de outras mónadas e para isso ela atrai mónadas que são equivalentes em qualidade para aquela expressão. Para dar um simples exemplo acerca de nós próprios como seres humanos: todos nós temos um corpo. Consiste de mónadas, as nossas células e os nossos átomos. Mas nós atraímos estes

seres segundo as nossas qualidades e as nossas características. Assim cada mudança, cada passo no nosso desenvolvimento significa actualmente: estabelecimento de uma cooperação diferente.

E isso expressa-se a si próprio em duas direcções. Pode significar que as mónadas em colaboração se estimulam umas às outras de tal modo que elas crescem ambas para um nível mais elevado, elevam-se umas às outras até onde estão, de modo a expressar mais da sua essência. Infinitamente. Ao mesmo tempo nós vemos, e isto é a outra possibilidade, que com cada mudança nós repelimos certas mónadas e atraímos outras, as quais são agora atraídas pelas nossas novas características.

Devemos acrescentar que o estágio de desenvolvimento não tem nada a ver com o valor do ser. Porque não importa se, no processo de desenvolvimento se ficou grande ou pequeno, você está sempre dependente da totalidade.

Qual a causa dos sentimentos de superioridade?

Por que é que as pessoas ainda acreditam em gente boa e gente má? Por que é que algumas pessoas se sentem superiores às outras e as discriminam? Será que estas mónadas ou pessoas não estarão ainda longe no desabrochar das suas faculdades latentes? E isto tem alguma coisa a ver com o karma?

Qualquer pessoa que se tenha tornado cego em relação à unidade que nos rodeia ver-se-á ele próprio como completamente separado de tudo o resto. A partir deste sentido de separa-

ção você pode fazer toda a espécie de julgamentos, tal como: penso que um bom jogador de futebol vale mais do que um pior. Assim, eu próprio não posso jogar futebol, por isso estou mesmo no nível baixo daquela hierarquia. Desta forma, pode-se construir pensamentos e imagens de separação para si próprio. Mas a coisa mais importante a pensar é que nós somos essencialmente um. Crescemos sob a ideia de ‘Eu estou só’ e podemos fazer isso simplesmente olhando à volta de nós e admirando. Com quem estou conectado em toda a humanidade? Qual o efeito disto quando eu penso nisto ou naquilo?

Assim, sim, se você pensa a partir da separatividade, você ainda não desabrochou de pleno, tramou-se demasiado cedo, por assim dizer ... Literalmente, cada mónada está num estádio diferente de desenvolvimento. Se duas mónadas estivessem exactamente no mesmo estádio de desenvolvimento, estas duas mónadas não seriam duas, mas apenas uma. No entanto, nunca podemos dar a uma mais valor do que a outra só porque está um pouco mais adiantada do que a outra.

Cada um pode construir, no seu próprio nível, uma imagem da realidade mais universal que ele pode imaginar. Pode reconhecer a unidade tão longe quanto ele pode conceber sabendo que aquela imagem não é perfeita porque há sempre qualquer coisa maior e mais elevada, porque existe o ilimitado. Assim uma pessoa nunca pode estar num estágio de desenvolvimento na qual ele não possa ter uma imagem da unidade. Assim, aquela imagem que ele tem — e que aplica a todos nós — nunca é perfeita porque nós podemos constantemente crescer. Mas todos podem saber como crescer no seu próprio nível: isto é a consciên-

cia ética que cada um de nós tem.

O que são as ‘Leis da Natureza’?

Tenho continuado a fazer conferências públicas durante vários anos e nessas conferências é dito algumas vezes que actualmente não há leis da natureza, porque as leis são o modelo habitual dos seres humanos. A minha questão é: por que é que é colocada agora a ênfase em leis universais?

Porque com o objectivo de explicar a Teosofia, nós temos que usar palavras comuns, com todas as suas limitações. No final do séc. XIX, Sra. Blavatsky começou a revelar muito mais Teosofia do que era possível nos séculos anteriores. E então tinha-se continuamente o desafio de como alcançar as pessoas, com a sua linguagem e com a sua cultura, de forma a eles perceberem o que se estava dizendo.

Assim, têm de ser encontradas palavras adequadas. E ela própria será a primeira a reconhecer que há limitações nas palavras que se escolhem. O seu livro *A Doutrina Secreta* inclui um número de estâncias que estão escritas numa linguagem cujo significado não se descortina imediatamente. Ela própria apontou grandes dificuldades em traduzir estes termos em inglês.

Os pensamentos na *A Doutrina Secreta* foram posteriormente elaborados, entre outros, por Gottfried de Purucker, o quarto presidente da Sociedade Teosófica de Point Loma. Ele escreveu uma série deles nos seus livros para fazer a *Doutrina Secreta* mais compreensível. E De Purucker veio com a explicação de que as leis são modelos habituais. Não há na verdade nenhuma lei da natureza no sentido em que os humanos conhecem as leis/regras que são estabelecidas e portanto aplicáveis a cada

pessoa. Queria com isso dizer que aquelas leis estariam um pouco acima de nós. E se se vai — com a sua explicação — recorrer a Blavatsky e ler os seus trabalhos convenientemente você descobrirá isto com certeza. Com efeito é verdade que as leis da natureza são feitas por seres, que elas são modelos habituais.

Por outro lado, podemos dizer isto: se nós olhamos para a explicação dos Tetractys ‘como foi apresentado na leitura’ cooperação: crescendo em unidade’, pode-se dizer: o cimo disso tem os seus habituais modelos, mas o seu habitual modelo é uma lei para todas as mónadas que lhe estão abaixo. Nós, humanos, não somos capazes de mudar os modelos dos seres superiores do nosso cosmos, por isso parecem para nós factos imutáveis. De facto, nós próprios temos de nos conformar com estes modelos. Eles podem ser comparados às leis de um país. Elas são também um reflexo de uma mentalidade, de um modelo médio. E também temos de lhes obedecer, não é verdade?

Através da cooperação com outros seres menos avançados, cada ser mais avançado pode aprender com essa experiência. Pode melhorar os seus próprios modelos habituais e evoluir em consequência disso. Assim, plenitude legal e leis são actualmente um caminho de que se deve falar. Pode encontrar estes termos por toda a parte na nossa literatura. E De Purucker explica: lembre-se, não há leis fora desses seres, leis que são impostas como são. Porque então surge a presente questão: leis impostas *por quem?* O que nós entendemos por leis são os modelos habituais do topo da hierarquia — seja qual for a hierarquia que você pensa, grande ou pequena

Harmonia e desarmonia na natureza

Diz-se que a natureza, vista sob o ponto de vista teosófico, é na sua essência harmonia. Mas como se pode falar de justiça na natureza quando, por exemplo, os animais se comem uns aos outros? Como se pode compreender isto?

Isto é uma questão muito prática e actual. Recentemente, apareceu nas notícias a seguinte questão: devíamos prender os gatos domésticos com uma trela para proteger os pássaros legalmente protegidos?

Como se pode compreender isto? Não deveríamos ver os diferentes reinos da natureza como realidades inteiramente separadas umas das outras? Nós, humanos, estamos actualmente a transformar o fluxo da vida dos reinos mais elevados para os reinos mais baixos. E porque nós, humanos, não fazemos sempre isso da forma mais harmoniosa e na verdade vamos muitas vezes contra as leis naturais da vida? Porque a nossa vaidade vai actualmente contra as leis naturais – nós imprimimos certas impressões na consciência dos animais, segundo o nosso carácter. Isto fundamenta a observação de certos comportamentos do mundo animal de que nós não gostamos muito do nosso ponto de vista humano.

Os reinos acima de nós, os reinos divinos, cooperam com a natureza, quer dizer, eles próprios alinham com a unidade. Os reinos abaixo de nós fazem o mesmo, mas inconscientemente. Mas – e estamos justamente a falar acerca disso nesta questão prévia – nós somos de facto as leis da natureza. Os modelos habituais dos seres humanos formam as leis naturais dos animais, das plantas e dos outros reinos abaixo de nós. Assim, quando vemos certas condições desarmónicas no mundo animal, elas podem ter sido antes traçadas pelos humanos, pela nossa consciência humana.

A propósito da discussão actual acerca dos gatos que apanham pássaros, o problema tem tudo a ver com o reino humano. Nós domesticamos certos animais e trazemo-los para um certo habitat ao qual eles não pertencem de todo em todo. Os gatos passeiam pelos prados, onde há muitos pássaros. Os gatos comem os ovos e pequenos pássaros, por exemplo os pássaros dos prados. Embora nós não gostemos disto, fomos nós próprios que criámos esta situação. Mas a ideia central é esta: se nós, humanos, vivermos com uma certa harmonia e conhecermos o nosso lugar na hierarquia total dos 10 reinos da natureza, deixaremos o fluxo da vida dos reinos animal e vegetal correr muito mais harmoniosamente. Daqui resultará também uma mudança no carácter do mundo animal. Evidentemente, isto não ocorrerá do dia para a noite, mas terá lugar lentamente no decurso da evolução da humanidade.

Estamos apoiados completamente nos ensinamentos da Bíblia: um dia o leão viverá pacificamente com o cordeiro.. Acharemos também a mesma profecia noutras religiões. Também podemos facilmente reconhecer esta influência em nós próprios. Agarre em dois cachorros da mesma ninhada e coloque um deles numa família onde há sempre discussão, onde as pessoas gritam onde há agressão. E coloque o outro cachorro numa família onde há sempre harmonia. Bem, pode estar certo que aqueles dois cães terão diferentes características quando alcançarem a idade adulta. Enquanto a humanidade não irradiar completamente esta harmonia, naturalmente deveríamos tentar que ela acontecesse tanto quanto possível na natureza, na natureza de nível mais baixo, com os meios ao nosso alcance; através da implementação da agricultura animal, tal

como criamos animais de estimação – ou parar de os criar totalmente – e assim por diante.

A fricção é necessária no cosmos?

A fricção pode fazer as coisas pacíficas. Ao mesmo tempo, vê-se às vezes, emergir das fricções grande desarmonia; as fricções na política, no Médio Oriente, com as suas frequentes guerras, etc. Compare isso com a situação na Europa, que não tem estado em guerra há algum tempo. Como é que se pode olhar para isto a partir das 3 proposições básicas? Qual o papel da fricção?

Gostaria agora de perguntar ao questionador o que é que ele ou ela entende exactamente por fricção. Se por fricção nós entendemos uma colisão de pontos de vista, e ambos os lados têm o desejo de saber se o outro pode estar certo, então deve abrir – se a mente e considerar o ponto de vista do outro – estes dois ‘condições’ são muito importantes então podemos certamente aceder a um amplo ponto de vista. Se entende por fricção no sentido de ‘sim, eu tenho sempre razão e não o ouço’, então você está como na Idade Média. E infelizmente também na política e noutras áreas. Assim, é importante estar sempre continuamente de mente aberta. Isso não quer dizer que, de antemão, se considere que cada possível ponto de partida esteja correcto. Como Herman Vermeulen disse na sua ‘introdução’, acerca dos axiomas da investigação: tem de se pensar acerca destas coisas. Não se deve dizer ‘ele está certo’ ou ‘não está certo’ à partida. Posso eu reconhecer ou não o que alguém diz no mundo à minha volta? Posso eu próprio reconhecê-lo? Aquela atitude investigatória é muito essencial, por exemplo, acerca de todas aquelas teorias sobre como o COVID-19 chegou até nós. E com as

diversas teorias da conspiração. Não se assume imediatamente que aquela teoria não tem sentido, mas tente determinar por si próprio se ela é baseada em factos. Posso eu validá-la? Se nós agíssemos assim, isto é, com a mente aberta e espírito crítico, então as ideias divergentes não seriam nunca um problema, até podem conduzir a uma perspectiva maior. Então pode ver-se a divergência como uma oportunidade para crescer e não uma razão para perpetuar a nossa própria visão. Esta última não conduz a nada instrutivo.

Degraus com o propósito de servir todas aquelas vidas

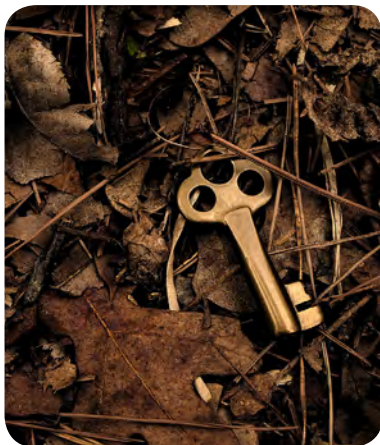
Como atrás foi dito, nenhuma mónada pode saltar um degrau no seu desenvolvimento. O que é que isto significa no luminoso caminho de servir o todo? Também há degraus aqui? E pode-nos dizer um pouco mais sobre a aceleração do desenvolvimento acerca da qual se tem falado?

Uma questão muito interessante. Se se fala de desenvolvimento no sentido de desdobramento, desdobramento de qualidades, não se pode fazer com que se salte por aí fora. Tem de se experimentar todas as qualidades, conhecer o seu valor. Uma pessoa pode, por assim dizer, chegar à percepção em cinco minutos, enquanto outros podem demorar um ano, batendo cinco vezes numa parede antes de pensar: ‘deve haver aqui uma porta’. É assim que se trabalha no nosso desenvolvimento. Só que o tempo que se demora no desabrochar é muito relativo.

Mas conforme vai depressa ou devagar, pode saltar um degrau. Temos que aprender a dominar e a expressar todas aquelas qualidades. Não há maneira de dizer: Eu saltei um certo reino da natureza, por exemplo, o

reino humano, porque já não é mais interessante para mim. Não, você não pode, porque é aqui nisto que consistem as nossas lições.

À medida que a aceleração desse desenvolvimento acontece, há seres que aceleram primeiro com o objectivo de desacelerar mais tarde, porque sabem que são parte do todo. Por outras palavras, eles aceleram o desenvolvimento para a próxima classe e, se são bem sucedidos, permanecem na mesma classe, mesmo que já tenham aprendido tudo. Eles escolhem fazer isto porque assim podem ajudar outros que vão também no mesmo percurso. E actualmente, visto do ponto de vista da unidade é justamente isto que serve o todo. Actualmente aquilo mesmo é um processo muito natural e lógico. Somos uma parte do todo, somos um reflexo daquele todo. Assim, se queremos ajudar esse todo, teremos de nos entregar ao todo.



Consequências da Teoria do Todo

No fim deste simpósio deitaremos uma breve olhada para as consequências do que podemos chamar Teoria do Todo. Se nós estudarmos os três princípios básicos, as 3 proposições da *Doutrina Secreta* de H.P. Blavatsky, teremos de concluir que estas consequências são enormes. Para alguns, talvez mesmo chocantes.

Ora bem, não se trata do caso de a nossa visão do mundo ficar completamente destruída. Contudo, a partir destas proposições nós podemos ver e compreender muito melhor o que é que se passa no mundo e porque é que todos os eventos acontecem de uma certa maneira. Acima de tudo, porém, se nós estudarmos estas consequências, seremos capazes de saber melhor resolver os nossos problemas. Darei alguns exemplos a seguir, alguns exercícios de filosofia esotérica; para, tal como emerge dos grupos de trabalho, sermos capazes de considerar e analisar todas as situações do mundo com a Teoria do Todo, naturalmente.

Unidade

Falámos primeiramente acerca de unidade. O PRINCIPIO, o único princípio, está em toda a parte, não existe o nada. Isto é um pensamento fundamental, e a consequência disto é que,

seja para onde for que nós olhemos, seja o que for que nós estudemos – o mundo material, o mundo psicológico, o mundo religioso ou filosófico – uma coisa é certa: no fundo, os mesmos característicos problemas básicos. Em essência, o princípio único reveste-se ele próprio de um número infinito de manifestações e formas. O desafio está em que, em vez de olhar para estas formas, devemos aprender as características que subjazem atrás de todas estas manifestações.

Ciclicidade

Vamos então falar acerca de ciclicidade. Todos os fenómenos estão sujeitos a isto. Não se trata de algures no Universo existir um grande relógio que faz tiquetac, marcando toda a espécie de movimentos cíclicos. Não, a ciclicidade tem lugar por causa das interações que nós temos uns com os outros. É a interação das consciências umas com as outras *numa estrutura hierárquica* que produz a ciclicidade. Como seres humanos, por exemplo, nós impomos um ciclo modelo de 24 horas a todos os seres que connosco cooperam. O caminho mais fácil para ‘perceber isto está na composição do nosso corpo físico: actividade e descanso, necessidade de comer e beber e todos os efeitos

que acompanham essas necessidades.

Do ponto de vista da ciclicidade e unidade, não existe tal coisa como a morte. Trata-se meramente de uma troca nos estados de actividade e passividade, passividade no sentido de descanso e repouso. Assim, o processo da morte do homem ou de algum outro ser é um exemplo de ciclicidade, de paragem temporária na cooperação. As mónadas com as quais nós colaborávamos estão soltas e podem seguir o seu próprio caminho no qual elas ganharão as suas experiências individuais. Quando nós começamos um novo envolvimento físico, uma nova encarnação, atraímos essas mónadas outra vez.

Igualdade fundamental

Por toda a parte, na hierarquia infinita de manifestações, a igualdade fundamental prevalece. Por toda a parte se aplicam as mesmas leis, os modelos detêm o mesmo papel. O axioma hermético diz: ‘assim como é em cima, é em baixo, assim como é em baixo, é em cima’ Isso habilita-nos a compreender a Teoria do Todo. Se nós nos admiramos quando algo trabalha em larga escala, vamos olhar para a pequena escala e projectá-la no grande modelo. É claro que nós devíamos imaginar que a forma da expressão deverá variar conforme o nível em questão.

A partir dos três axiomas básicos, as três proposições, muito interessante, têm sido trabalhadas ideias fundamentais, que nos ajudam a construir uma visão da vida com a qual nós podemos achar respostas para as pequenas e grandes questões com as quais somos confrontados.

Sete Princípios, sete joias da sabedoria, e sete Pāramitās

Na literatura teosófica, encontramos estas elaborações em primeiro lugar nos sete princípios. São as características que nós encontramos por toda a parte na natureza, desde o ‘átmico ao princípio mais material, o que podemos entender por princípio manásico – princípio do pensamento – como um bom exemplo.

A seguir a isto há as sete joias da sabedoria, que têm o seu papel na natureza através de todas as suas hierarquias — e portanto podem também ser compreendidas na base de ‘como em cima, assim em baixo’. Karma – (causa e efeito) e reencarnação (regresso ao corpo) são talvez os mais conhecidos. Tudo é cármico, nos termos de uma estrita justiça. E a reencarnação é uma forma específica de ciclicidade que nós vemos por toda a parte.

Se nós perguntarmos a nós próprios quais as qualidades mentais que podemos desenvolver melhor com este co-

nhecimento, acharemos a resposta nas ‘sete perfeições’, os *Pāramitās*. Trata-se de perfeições como suavidade, determinação e triunfo sobre a ignorância. Leia à cerca destes sete áureos na nossa literatura. Tente fazê-los seus. Quanto maior e mais universal se torna no seu pensamento, tanto melhor você se foca naquelas melhores qualidades, tanto melhor será capaz de expressar a totalidade.

Aplicando consequentemente o princípio da consciência

O pensamento mais essencial que eu gostaria de vos apresentar é o seguinte: se nós partimos das três proposições básicas, de que tudo é *consciência*, então portanto tudo é *vida*. Então nós devemos estar conscientes também disso. Deixem-me dar um exemplo muito prático- Quando eu tomo um remédio, não é um químico que eu tomo, mas de facto uma combinação de consciência de uma certa qualidade, que pode ter um certo efeito. É *esta qualidade, este efeito*, que eu deixo entrar.

E um outro factor importante é o seguinte: Estou motivado para tomar o remédio? Estudos têm mostrado que se você tem confiança no seu médico e no medicamento que ele prescreve, esse medicamento é mais eficaz do que seria se você não confiasse no médico. Naturalmente, você poderá dizer: é o efeito placebo. Mas eu não estou a pensar nisso. Se o efeito placebo me ajuda a resolver um problema, o prazer é meu.

Se pensar tudo como substância vivente, como consciências, então os efeitos da homeopatia são processos perfeitamente lógicos. Se você usa uma certa substância, deveria também olhar para a qualidade mental dessa substância. Que características tem no campo mental? Do mesmo modo pode ser compreendido que um remédio homeopático trabalha para um mas não trabalha para outro. Tem de haver semelhança. A nossa composição psicológica tem uma certa característica, assim resultando num problema médico, e se o remédio tem características completamente diferentes, não vos ajudará certamente.

O princípio da consciência também torna claro como pode ser forte a influência mental. Quando entramos nalgum lado, nós de alguma maneira influenciamos a atmosfera entre os presentes — e essa influência pode ser muito poderosa. Também vemos essa influência mental nos animais de estimação, por exemplo. Quando um cão ou um gato mansos passeiam, a atmosfera de todo o grupo pode mudar, porque as pessoas estão abertas à influência daquele animal.

Estes são exemplos de influência mental, que podem ter



maiores consequências, especialmente se nós estamos conscientes da nossa própria radiação. Quando nós trabalhamos em conjunto, temos uma porção de influência na determinação da qualidade e da atmosfera daquela empresa. Assim, também se pode pensar que, quando uma pessoa procura um emprego, é muito mais importante perguntar qual é o ambiente gerado pela administração do que perguntar pelo salário. Pode então chegar à conclusão de que não quer trabalhar naquela empresa, porque ali há coisas que você de todo em todo não pode suportar dada a visão da vida de que é portador.

Conduzindo conscienciosamente uns com os outros

Com as três proposições fundamentais e os princípios daí resultantes joias e Pāramitās, podemos ser muito mais conscientes de como é que nós nos governamos uns com os outros em sociedade. Então, por exemplo, nós podemos imaginar quais os efeitos que podem ocorrer em outras pessoas se nós espalhamos certos pensamentos na comunicação social. Quando nós imprimimos uma mensagem, isso não é a mesma coisa que escrever cartas. Os nossos pensamentos colam-se àquele texto. Cada leitor desse texto abre-se ele próprio à esfera de influência que o rodeia. É por isso que nós devíamos perguntar-nos antecipadamente se queremos ser responsáveis por espalhar tal texto. Nesta conformidade, queremos deitar uma visão mais intensa da interacção da consciência em cada um e das responsabilidades daí resultantes. Podemos então, por exemplo, perguntar a nós próprios qual a responsabilidade

de um político que estimula um certo programa baseado no facto de que ele gostaria de ser eleito. Poderemos então compreender por que é que Platão, na *República*, apresenta um conjunto de pensamentos difíceis, explanando um sistema completo, para permitir uma sociedade ideal que evolua na base das qualidades da consciência.

Onde estamos hoje? Pensamos que muitas coisas podem mudar, que o COVID-19 nos coloca certamente um conjunto de problemas. Vemos que de momento estamos sob a pressão dos efeitos de tal pandemia, pensamos que a estrutura que tínhamos até agora já não é desejável e que deve ter lugar uma mudança. Quase todas as pessoas está bastante motivada para participar nessas reformas, para pensar nisso. Mas se os efeitos do vírus se reduzissem, mesmo que pouco, veríamos também uma quantidade de pessoas que querem manter as coisas como estão, que preferem *não* mudar. Não, *nós teremos que mudar*, temos que assumir as nossas responsabilidades.

Esperamos que, com este simpósio e com a elucidação destas três proposições, tenhamos desfeito o mito de que a Doutrina Secreta é difícil. Este livro é certamente diferente, com um número de ideias com as quais não estamos familiarizados. Mas não é difícil, se nós pudermos conservar claramente na mente estas três proposições, quando estudamos o mais importante trabalho de H.P. Blavatsky. O Dr. G. de Purucker publicou mais tarde muita coisa para tornar a *Doutrina Secreta* mais fácil de compreender. Toda esta literatura pode ser encontrada no nosso website. Todas estas fontes são ferramentas para aprender a viver a vida com um V grande — desde que estejamos em harmonia com o todo.

Sobretudo por causa das consequências, nós podemos seguir a partir do que estudámos hoje em conjunto.

Questões acerca de todo o simpósio

Leis da Natureza e livre arbítrio

Se as Leis da Natureza são o hábito – todos os padrões de seres vivos, será que ainda temos livre arbítrio? Ou será que os deuses determinam tudo para nós?

Seguramente, nós temos uma livre arbítrio.

A vontade livre é descrita limitada-mente a propósito da consciência, e num certo sentido é consciência, tudo tem também vontade livre, mas certamente limitada. Assim, para nós, humanos, a vontade livre também não é ilimitada.

A consciência maior, a maior, é também vontade livre. Por que é que isto é assim? Porque então o alcance da consciência e por isso as possibilidades pelas quais ela própria se pode focar são também maiores. Maiores, não só em número de possibilidades, mas também – e especialmente – em profundidade.

Por consequência, nós humanos temos uma vontade livre maior do que os animais. Nós podemos pensar e portanto ter mais escolhas. Mas comparada com os seres que são muito mais desenvolvidos do que nós somos, a nossa vontade livre é muito limitada. Por outras palavras, o alcance da vontade livre é determinado pela consciência e pelas capacidades que desenvolvemos. Por exemplo, nós não podemos viajar para o Sol ou para Vénus, mesmo que gostássemos de o fazer. Outro exemplo: se nós não sabemos nada àcerca de ciclos e de reencarnação, então nós não podemos ter em linha de conta as vidas seguintes no processo das nossas escolhas. Mas dentro do grande todo onde nós vivemos, podemos fazer escolhas, usando as capacidades que desenvolvemos.

Se olharmos para isto de uma forma muito mística e universal, mesmo as próprias leis da natureza não nos são impostas, pelo menos no mesmo sentido em que o Governo impõe leis à população. Deveria perguntar a si próprio por que é que vivemos neste planeta, neste sistema solar, nesta galáxia. Há milhões de galáxias, incontáveis sois e planetas, mas nós vivemos na Terra.

Por que é que isto é assim? É assim porque nós fomos atraídos para este planeta, para esta atmosfera. Nós fomos atraídos para ele porque nós temos as mesmas características que o planeta, o Sol, etc. Estas características foram desenvolvidas por outra pessoa que não nós próprios? Terá sido um deus que nos fez como somos agora? A resposta é ‘não’, fizemo-lo nós próprios. Nós juntámo-nos, por assim dizer, voluntariamente, impulsionando este Cosmos a partir do nosso próprio interior, com os habituais modelos dos seres divinos que o lideram. Nós somos uma parte integral disto.

Não se deveria pensar agora que desenvolvendo mais consciência – e o desenvolvimento é o desempacotar ou desdobrar do que já está dentro de nós – e por consequência aumentando a vontade livre, significa que nós vamos usar essa vontade para ir contra a corrente, ou que nós vamos desviar da totalidade da expressão da vida. O contrário é que é verdade. Nós ficaremos então conscientes da coerência e da unidade da vida e usaremos a nossa autoconsciência livre para manifestar essa unidade.

Para nós, humanos, a mais importante escolha que nós fazemos, talvez com a pequena porção de vontade

livre que desenvolvemos é, portanto e sempre: integrar-me a mim próprio no grande paradigma, sem egoísmo, ou ir contra as leis da natureza? H.P. Blavatsky disse que se nós trabalharmos em conjunto com a natureza, a natureza olhará por nós como uma das suas criaturas. Assim, se nós próprios alinharmos com o grande paradigma, o nosso conhecimento e a nossa vontade livre aumentarão.

De passagem, digamos que nós não podemos caminhar fora do modelo dos deuses, nem sequer uma célula do nosso corpo. Mas dentro daqueles paradigmas podemos livremente determinar o nosso caminho e à medida que crescemos em consequência, as possibilidades de escolha crescerão mais e mais.

Evoluímos tanto na nossa condição manifestada como não manifestada?

Na terceira proposta de A Doutrina Secreta é mencionada a peregrinação obrigatória. Penso que o ‘crescimento da consciência’ é entendido por isso. Então a minha pergunta é: isto aplica-se tanto à vida manifestada como à não manifestada?

Vamos primeiramente determinar quais os meios de crescer. Para nós, crescimento é o desenvolvimento, o desenraizamento, o desabrochar das potências e das forças que estão contidas na mónada e que todos os seres aprendem a expressar desenvolvendo a sua consciência. Assim, o crescimento sempre ocorre de dentro para fora. Porque cada mónada é essencialmente ilimitada, há sempre capacidades latentes ou adormecidas, capacidades que ainda não foram activadas. Crescimento quer dizer que essas capacidades latentes são activadas. Bem,

tudo cresce. Todavia, o crescimento tem lugar em movimentos cíclicos, como mostrámos na segunda proposição. Isto significa: a actividade alterna com o descanso. Um ser na postura de descanso não está manifestado. Mas atenção: excepto para o primeiro princípio da Doutrina Secreta, o princípio ilimitado, tudo é relativo. Aquilo a que chamamos imanifestado é imanifestado para nós, mas para os seres que são muito mais desenvolvidos do que nós os planos ou mundos que não têm forma ou são imanifestados para nós, são mundos manifestados para eles. Não esquecer que tudo é consciência. Deste modo, a consciência ocorre num estado manifestado ou imanifestado, todavia, este modo de ser é relativo.

Nestes termos, o crescimento da consciência constitui o pico do processo cíclico total da actividade e do descanso. Quero dizer com isto que: na nossa perspectiva, o período de descanso é um estado de não ser manifestado. Na linguagem comum quer dizer 'morte'. A propósito, o período de morte tem diferentes fases e diferentes estados. Durante a 'vida' nós ganhamos experiências e processamo-las durante a 'morte'. Então as lições desta experiência são implantadas na nossa consciência. Assim, todo o ciclo de ganho de experiências, de descoberta de novas coisas, o aprender e processar aquelas experiências e lições durante o descanso da 'morte', tudo isso produz o crescimento da consciência.

Ajudar os irmãos mais fracos

Como podemos ajudar melhor os 'mais fracos', aqueles que seguem o caminho do crime, da perspectiva das três proposições?

Desde a fundação da Sociedade Teosófica em 1875, um dos seus prin-

cipais objectivos tem sido ajudar activamente os nossos irmãos mais fracos, tais como aqueles que cometeram crimes.

Repare, se você se aproxima de pessoas que percorrem um caminho negativo, se você actua agressivamente ou com repugnância, você plasma neles essas mesmas características. Se você quer realmente ajudar alguém e torná-la uma pessoa melhor, tem de lhe dar um bom exemplo, uma boa atmosfera, uma aproximação positiva. Lao Tsé diz no *Tao Tse Ching*: trata bem o povo bom; trata bem o povo mau. No fim de contas, ser bom é a sua natureza. Se quer fazer crescer o bem nos outros, tem que lhes dar o exemplo. Deve também convencer-se que as outras pessoas podem tornar-se boas pessoas, porque se você realmente não acredita nisso, então você não se aproxima dele numa perspectiva inspiradora.

Algumas pessoas argumentam com penas mais severas; quanto mais anos de prisão, tanto melhor. Pensam eles. Mas o que é que acontece na prisão? O que é que acontece quando saem ao fim de 10, 20 ou 30 anos? Não estamos a dizer que deveríamos deixar cada um seguir o seu caminho. Algumas pessoas precisam de estar algum tempo isoladas porque são um perigo para a sociedade. Mas isso não quer dizer que tenha de ser cruel com eles e se aproximar deles de uma forma negativa. É muito melhor ensinar-lhes a autodisciplina e a cooperação. Se se inclui a terceira proposição – a proposição que trata do problema das relações kármicas e cíclicas e da interacção e mistura de todas as mónadas na hierarquia de que todas são parte – então não se pode resolver um problema social como se fosse uma realidade isolada. Se se faz, teria que entender-se que este crime e este cri-

minoso não têm nada a ver connosco. Atribui-se uma perturbação na sociedade a um grupo e pensa-se que nós não temos nada a ver com isso. Então se isso é uma perturbação na sociedade, então estamos *todos* envolvidos. Temos tendência a ver os problemas como qualquer coisa separada de toda a sociedade, de toda a humanidade. Fazemos o mesmo com os refugiados e com outros temas. Contudo, somos confrontados com qualquer coisa porque isso também tem a ver connosco, porque também criámos causas kármicas para isso. Ajudámos a criar uma atmosfera ou campo de influência na sociedade no qual estas situações desarmónicas podem ocorrer.

Às vezes, para protecção da sociedade e deles próprios, temo de isolar certas pessoas. Todavia, durante o isolamento, temos de os ensinar, trazê-los a um ambiente de aprendizagem, de maneira a que eles possam desabrochar de dentro deles as suas reais qualidades humanas, a fim de ascenderem a um maior sentido de comunidade e poderem contribuir positivamente para um todo maior. Temos exemplos da Noruega e do Uruguai, onde isto já está a ser aplicado, com muito maior sucesso do que estar a prendê-los.

Enquanto as pessoas não mudarem os seus pontos de vista, as suas mentalidades, nada de essencial mudará. Enquanto houver agressividade, violência, ladroagem – ou sejam quais forem as formas de expressar o seu próprio egoísmo – haverá sempre um desequilíbrio. E se estas pessoas não mudam as suas mentes nesta vida, então seremos confrontados com o mesmo problema na próxima vida, porque teremos de tratar uns dos outros nessa outra vida em consequência das leis da reencarnação e do karma.

Assim, devemos tentar tudo para resolver o problema agora.

O objectivo da peregrinação

Qual é o objectivo da mônada? A mônada está consciente? Ou deve essa consciência ser despertada pela peregrinação?

A própria mônada é uma centelha da eternidade e, portanto, não tem limitações. Mas, quando ela própria se manifesta, tem limites. Há, como foi dito, mônadas em diferentes estágios de desenvolvimento. Contudo, mesmo que se esteja num estágio muito elevado, há sempre limitações. Tudo está envolvido no processo de desenvolvimento que expressa o infinito. Agora, temos que pensar que na sociedade em geral, o conceito de consciência é usado de modo diferente do que aqui usamos. Uma consequência lógica das três proposições fundamentais é que tudo é consciência, mas nem tudo é autoconsciência. Para desenvolver a autoconsciência temos que fazer desabrochar o modo pensamento, a capacidade de pensar, de modo a que seja consciente de si próprio como uma entidade que age e escolhe independentemente.

Certamente que nem todas as mônadas alcançaram este estágio de desenvolvimento. Os reinos da Natureza abaixo do homem ainda não alcançaram este nível. Eles não têm a autoconsciência que nós temos. Mas eles são consciência. E eles também no decurso do seu infinito percurso para o desenvolvimento, desenvolverão um dia o seu pensamento e tornar-se a o autoconscientes tal como os seres humanos desenvolverão um dia consciência divina.

Desenvolver a perfeita sabedoria.

Como podemos saber que estamos a aproximar-nos da sabedoria perfeita?

Podemos, de alguma forma, visualizar o objectivo? Podemos alcançar a consciência divina numa só Vida?

Começamos com a última questão: foi a pergunta que se pôs a Gautama, o Buda: podemos tornar-nos um Buda numa só vida? A resposta é sim, mas custa uma quantidade horrível de esforço. Porque se tem de trabalhar todas as consequências do passado numa única vida. Portanto, é quase impossível. Em teoria é possível, mas na prática é quase inatingível. Também depende, é claro, do ponto de partida onde se está. Se se praticou esta visão espiritual durante muitas vidas anteriores, e parte portanto nesta vida como alguém que já está quase na 'outra margem', talvez seja possível fazê-lo numa só vida. Mas em geral não será possível.

A propósito, há alguma coisa mais: quer ter uma sabedoria perfeita? Quer ter uma consciência divina? Por que é que quer isso? Quando tiver adquirido essa sabedoria perfeita, ainda será capaz de ajudar os outros? Esta pergunta tem tudo a ver com a primeira parte da questão. Como é que nós podemos aproximar do perfeito conhecimento ou sabedoria, como podemos observar o objectivo? É importante que se construa uma imagem mental na qual se contribui para a totalidade da vida da qual você é parte. Esse deve ser o seu ideal. Isso deve ser, como é, o Sol no horizonte, para onde nos dirigimos. Se trabalhamos para o todo, fazendo tudo o que está nas nossas possibilidades, então o objectivo que se deverá visualizar é esse. Pode-se determinar para nós próprios se estamos no caminho certo em direcção ao conhecimento correcto. E isso é precisamente quando já não há dúvidas de se estar no caminho certo. Já não é mais para nós próprios. É

que desenvolvemos então uma consciência universal.

Anúncios

Seminário Baseado nos livros:

H.P. BLAVATSKY, TIBETE E TULKU e O PLANO DIVINO

Com o lançamento do livro
H.P. Blavatsky, Tibete e Tulku – de Geoffrey Barborka,
pela Editora Teosófica no Brasil.

PRIMEIRA PARTE:

Abertura

Sérgio de Moraes Jr
Presidente da ST no Brasil

Quem foi Geoffrey A. Barborka?

Paulo Baptista Vieira
(Ilha da Madeira – Portugal)

H.P. Blavatsky, Tibete e Tulku

– o livro (Ed. Teosófica)
Fernando Mansur
(Florianópolis – SC – Brasil)

H.P. Blavatsky como uma Tulku dos Mestres

Barend Voorham
(The Hague – Holanda)

Pequeno Intervalo e Paine!

SEGUNDA PARTE:

O Plano Divino

Luis Paulino Ramos e Lima
(João Pessoa – PB – Brasil)

A Doutrina das Esferas

Eduardo Gramaglia
(Córdoba – Argentina)

Viver e Dar – Os Dois Caminhos

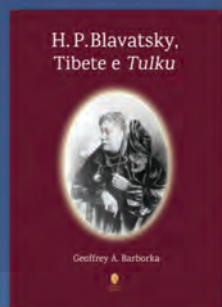
Sieglinde Plocki
(Berlim – Alemanha)

Painel Encerramento

Dia 15 de Maio – Sábado
15h às 19h

Nota: horário brasileiro

Transmissão via ZOOM. Mais informações:
www.sociedadeteosofica.org.br



International Theosophy Conferences

International Theosophy Conference 2021

International Theosophy Conferences Inc. (ITC) é uma plataforma onde organizações teosóficas e todos os outros estudantes sinceros de Teosofia se encontram. Todos os anos há uma conferência. Devido à pandemia, este ano, tal como no ano passado, será realizada online. O título deste ano é

*Uma mente que abraça o
Universo*

Data:

29 de Julho - 1 de Agosto de 2021

Localização: online

Fique de olho no website para o programa completo e para as inscrições para esta conferência:
www.theosophyconferences.org

Joias da Sabedoria Universal

Na série Projeto Pioneiros o livro Joias da Sabedoria Universal de Barend Voorham foi publicado no Brasil no final de 2020. O livro é composto por várias palestras dadas pelo autor no Brasil e em Portugal.

O tema central do livro são as Sete Jóias da Sabedoria, sete ideias centrais ou factos da natureza, que fornecem uma explicação abrangente do como, porquê e para quê da vida. As Sete Jóias são uma elaboração das três Proposições Fundamentais de A Doutrina Secreta de H.P. Blavatsky, o tema do primeiro capítulo do livro.

Outros tópicos que são abordados são: Como Provar Teosofia, O Mistério da Consciência, Hatha e Râja Yoga, Ahimsa, o poder de não violência . O livro termina com O Segredo da Felicidade.

O livro pode ser comprado na Fundação I.S.I.S. O preço é de 15 euros mais portes de correio.

Informações: luciferred@stichtingisis.org



Curso Pensar Diferente e Sabedoria de Vida

Recentemente surgiu a possibilidade de seguir o nosso curso “Pensar Diferente” com recurso ao ZOOM. Portanto, pessoas de todas as partes do mundo podem participar neste curso, no qual se aprende a conhecer as diferentes qualidades no homem.

O curso oferece a oportunidade de expansão da consciência. É ministrado em português.

O curso é composto pelos seguintes componentes: Unidade da Vida, O que é Realidade, A consciência composto humano, autoconhecimento, o processo de pensamento, pensamentos como seres vivos, ciclicidade e Karma, emanção e hierarquias, autogeração e evolução progressiva, Fraternidade Universal, Âtma-vidyā ou Conhecimento do Ser.

Ao fazer este curso, terá as chaves para compreender melhor os ensinamentos profundos da Teosofia, mas também para aplicar a Teosofia à sua própria vida.

Em consulta com os estudantes, determinaremos quando o curso pode ser realizado.

Se estiver interessado, por favor envie um e-mail para luciferred@stichtingisis.org e entraremos imediatamente em contacto consigo.

Cólofon

Editores: Barend Voorham, Henk Bezemer, Rob Goor, Bianca Peeters, Erwin Bomas, Bouke van den Noort

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de fazer uma seleção e/ou de resumir as mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a partir do 21.º número gratuito da versão inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para subscrições: enviar mensagem para a sede editorial: luciferred@stichtingisis.org.

O preço das nossas edições em papel custam €4,60 e €9,20 para uma edição dupla, excluindo portes.

Para pagamento pela internet – cartão de crédito (ver página de internet).

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou tornada pública por qualquer forma ou meios: eletrônica, mecânica, por fotocópias, gravações, ou de outra forma, sem permissão anterior da Editora.



Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês] é “Stichting International Study-centre for Independent Search for truth”. A sua sede é em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de Fraternidade Universal, através da disseminação do conhecimento sobre a estrutura espiritual do ser humano e do cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar este objetivo através de cursos, organizando palestras públicas, publicando livros, brochuras e outras publicações, e recorrendo a todos os recursos disponíveis com vista a este fim.

A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins lucrativos, reconhecido como o tal pela autoridade tributária dos Países Baixos. Para fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se chama de estatuto ANBI. ANBI significa Organização para o Benefício Geral (Algemeen Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o estatuto ANBI são:

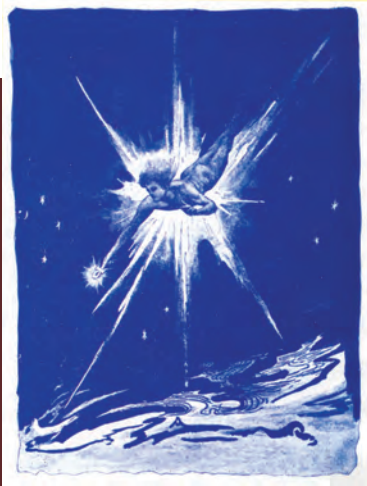
É uma organização sem fins lucrativos, portanto não tem rendimentos. Quaisquer lucros que resultem da venda de livros, devem ser totalmente utilizados para atividades gerais de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto, objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher requisitos de integridade. O ANBI deve ter uma propriedade separada, pelo que um diretor ou decisor não pode tomar decisões sobre esta propriedade como se fosse sua. A remuneração dos membros da direção apenas pode consistir de um reembolso de despesas e assistência. O número ANBI da Fundação I.S.I.S. é o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).